

# Vila Itororó

E a moradia no  
século XXI

Camila Ribeiro de Vasconcelos

# Vila Itororó

## E a moradia no século XXI

Trabalho Final de Graduação apresentado na  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da  
Universidade de São Paulo (FAUUSP)

Palavras chave: Vila Itororó; moradia; patrimônio

Camila Ribeiro de Vasconcelos

Orientadora:

Beatriz Mugayar Kühl



# Agradecimentos

Agradeço sobretudo à minha trajetória pela FAU e todas as pessoas que fizeram parte dela.

Aos meus amigos que tornaram os momentos mais felizes.

Aos professores por ensinarem tanto.

À minha família que sempre me apoiou e possibilitou meu ingresso e permanência.

E à minha orientadora por ter acreditado no meu trabalho final.

# Sumário

Apresentação	5
A Vila	7
O simbolismo	8
O habitar	9
O restauro	10
A pesquisa	11
A capital	13
A escala do bairro	15
A escala da Vila	23
A escala da casa	26
A escala da habitação	33
A escala do mobiliário	66
Conclusão	73
Notas	77
Bibliografia	79

# Apresentação

Por alguns anos de minha adolescência e início de vida adulta morei no bairro da Liberdade, sendo portanto, vizinha do objeto de estudo escolhido para este trabalho. A proximidade física a qual permitia passar pelas ruas as de acesso a ela para ir ao supermercado, visitar uma amiga, ir a algum evento cultural na Avenida Paulista e arredores etc talvez tenham despertado em mim uma curiosidade e um senso de responsabilidade sobre ela. Mas a proximidade não era só física, desco-

brir amigos e primos que utilizavam o espaço do galpão contribuíram.

O desenvolvimento de uma pesquisa pequena para uma disciplina optativa durante a graduação fez esses laços se estreitarem.

Portanto decidi escolhê-la como último objeto de pesquisa da minha graduação, aproveitando as muitas temáticas que a envolvem, como a crise de habitação em São Paulo e a sacralização do edifício tombado no Brasil.

A proposta aqui apresentada tem por objetivo o estudo da Vila Itororó, vila construída no século XX localizada na área central de São Paulo, com enfoque em seu uso habitacional ao longo de sua existência e a possibilidade de continuidade do mesmo após o tombamento em nível municipal e estadual do conjunto.

A escolha do tema também se baseia na necessidade de provimento de habitação, em especial para as classes mais baixas, na região central da cidade.





# A Vila

A Vila Itororó começou a ser adotada como um símbolo do bairro Bela Vista e consequentemente de São Paulo, em especial a partir de 1976 devido a uma propaganda da Telesp a qual a apresentava assim. Tal simbolismo ganhou maior repercussão na mídia no início dos anos 2000 devido ao seu processo de tombamento que se tornou polêmico por ser acompanhado da possível remoção dos moradores.

Esta vila com início da construção na primeira década do século XX por um filho de imigrantes portugueses chamado Francisco de Castro, desempenhou desde seu início a função social de moradia. Castro comprou a chácara e deu início às solicitações de licença para obras na prefeitura em 1907. Durante a construção e ornamentação de sua moradia<sup>1</sup>, conjuntamente foi construindo casas mais singelas, como mostram as licenças pedidas na prefeitura entre os anos 1913 e 1915<sup>2</sup>, com o intuito de alugá-las e obter uma renda além de seu salário como gerente na empresa Müller e Cia.

Essa prática de alugar as casas continuou mesmo após seu falecimento em 1932 quando a Vila foi para a posse de Augusto de Oliveira Camargo por processo de arremate executado pela prefeitura devido à dívidas do falecido com o novo proprietário. Esse modo de ocupar a Vila passou por diferentes períodos, cada um deles com características distintas, como

por exemplo, uma superlotação e precarização das moradias a partir dos anos 1970<sup>3</sup>.

Sendo isso aqui frizado podemos entender melhor porque houve uma polêmica ao ser executado o processo de expulsão dos moradores pelo Governo do Estado após o tombamento, afinal essa sempre tinha sido a função da Vila.

## O restauro

A partir de estudos realizados na década de 70 pelo arquiteto e professor da FAU USP Benedito Lima de Toledo foi elaborado um projeto em parceria com o arquiteto Décio Tozzi em 1975<sup>4</sup>. Esse objetivava o restauro da Vila que após passar para a posse da IBAOC - Instituição Beneficente Augusto de Oliveira Camargo<sup>5</sup>- começou um processo de degradação devido, sobretudo, a uma falta de manutenção combinada com um número cada vez maior de moradores.

Era previsto, posteriormente ao restauro, uma destinação considerada “mais nobre”, no caso a cultural a qual permitiria também o acesso livre de todas as pessoas incluindo pesquisadores e moradores do bairro ao local.

Uma das justificativas para a mudança de uso da Vila, a qual teria suas casas de aluguel voltadas para ateliês e restaurantes enquanto o palacete passaria a ter uma ocupação exclusivamente voltada para o lazer, era a de que justamente o uso habitacional estava contribuindo para sua degradação e

a incompatibilidade de adaptação para moradia após o restauro. Mesmo que os ateliês tenham sido pensados de forma a poder servir de moradia temporária para artistas estrangeiros<sup>6</sup> e sem reconhecer o papel do abandono pela IBAOC na degradação.

## O simbolismo

Importante comentar que durante o Concurso Nacional de Ideias para Renovação e Preservação do Bexiga iniciado durante a gestão de Luiza Erundina, em 1989, houve uma pesquisa através de cédulas de votação com os moradores a qual mostrou a não escolha da Vila Itororó como maior apelo simbólico do bairro (essa foi dada como opção junto com a rua 13 de maio e a Escola de Samba Vai-Vai).

Outra evidência do descompasso entre moradores e técnicos da área no reconhecimento de seu simbolismo, talvez evidenciando uma certa imposição do que é patrimônio ou não, é a entrevista na qual Walter Taverna, conhecido militante da valorização do bairro e presidente da SODEPRO- Sociedade em Defesa do Progresso da Bela Vista - afirma que a Vila não era vista como um símbolo do bairro durante os anos 1970 e 1980 por seus moradores e trabalhadores, sobretudo pela descontinuidade no seu processo de tombamento e imprevisão quanto ao futuro das construções<sup>7</sup>.

# O habitar

Muitas das famílias que lá habitavam o fizeram por gerações, o que fortalecia os laços de comunidade do local além do fato de muitos levarem parentes ou conhecidos para morar nas casas que desocupavam<sup>8</sup>.

Além de apenas um teto sobre suas cabeças a Vila Itororó representou o suporte material para as histórias e memórias de seus habitantes. Por isso os moradores recorreram à justiça de diversas formas, inclusive alegando usucapião com a assistência do SAJU (Serviço de Assessoria Jurídica Universitária da Faculdade de Direito da USP). Em alguns momentos o pêndulo de qual uso seria o decidido, ora pendeu para a moradia ora para a cultura, variando principalmente conforme a administração do município e do CONDEPHAAT.

Em 2005 a decisão foi tomada e a Vila teve seu uso destinado para a cultura, com seus habitantes sendo deslocados para edifícios de HIS na região central da cidade.<sup>9</sup>



# A pesquisa

A consciência dessa sacralização do patrimônio edificado conjuntamente com o grande número de centros culturais e demais equipamentos voltados à cultura na região central de São Paulo, mostra como a Vila Itororó, sua história, tombamentos, implantação e proposta de projeto no qual a continuidade de seu uso habitacional seja o foco pode ser enriquecedor.

Este trabalho tem por objetivo sua adaptação sem descaracterização para a moradia contemporânea e suas novas problemáticas incluindo as possíveis mudanças no modo de habitar decorrentes do período de pandemia por Covid-19 e consequente quarentena, como: necessidade de espaço para home office, maior número de eletrodomésticos e menor número de membros nas famílias.

Como forma de início deste trabalho o levantamento e seleção do vasto material bibliográfico existente sobre a Vila Itororó foi essencial. Foi adotado como bibliografia base dois livros e uma tese de mestrado por suas diferentes formas de abordar a história do objeto de estudo e as reflexões levantadas por cada um. Os livros Vila Itororó de Benedito Lima de Toledo e Vila Itororó: uma história em três atos de Anna Castro e Sarah Feldman são frutos de pesquisas realizadas pelos professores autores e foram publicados recentemente pelo Instituto Pedra, Instituto responsável pela obra de restauro em andamento. E a tese

de mestrado defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP de Vivian Barbour, ex integrante do SAJU, O patrimônio existe? Os sentidos da Vila Itororó.

O primeiro livro citado, escrito por Benedito Lima de Toledo possui um enfoque maior na gênese da Vila, abordando a história do seu primeiro dono e o contexto ambiental da época, como era o bairro e a paisagem onde se encontra o terreno, por exemplo. Possui alguns dados faltosos ou posteriormente contestados, comum de primeiras documentações<sup>10</sup>, como é o caso da afirmação da nacionalidade portuguesa<sup>11</sup> de Francisco de Castro posteriormente posta em cheque<sup>12</sup> por Ana Castro e Sarah Feldman que em seu livro afirmam que ele nasceu em Guaratinguetá, podendo-se afirmar apenas que era filho de portugueses.

Vila Itororó: uma história em três atos aborda a história da mesma através de seu uso habitacional e as diferentes fases ou atos pelas quais passou. Igualmente busca entender e aprofundar a relação dela com a metrópole na qual está inserida e como a dinâmica da cidade influenciou a forma de ocupar e enxergar a Vila. Busca entender e diferenciar os diferentes atores que agiram e agem sobre ela, como seus proprietários, moradores, a administração municipal e a estadual além dos setores de patrimônio até o ponto no qual o sentido foi invertido e a Vila deixou de ser vista como um espaço para moradia.

A tese de Barbour possui um recorte de tempo menor e mais específico, indo dos anos 1970 até 2013 por optar estudar a Vila a partir do momento em que essa entrou na agenda do poder público com as primeiras tentativas de preservação dela e do bairro o qual faz parte, até a expulsão dos moradores. Com isso busca trazer reflexões não só sobre os diversos recursos despendidos durante o reconhecimento da Vila Itororó como patrimônio mas também sobre as limitações presentes nas práticas de preservação.

Esses textos foram escolhidos como ponto de partida para o presente trabalho tanto por, através deles ser possível dissecar a Vila e sua passagem pelo tempo, seja através de seus processos de tombamento, sua gênese, sua relação com a cidade e o contexto urbano de

cada época, como por trazer abordagens diferentes sobre cada um desses pontos por profissionais de diferentes formações e com diferentes experiências, podendo assim enriquecer qualquer reflexão.

## O contexto urbano atual

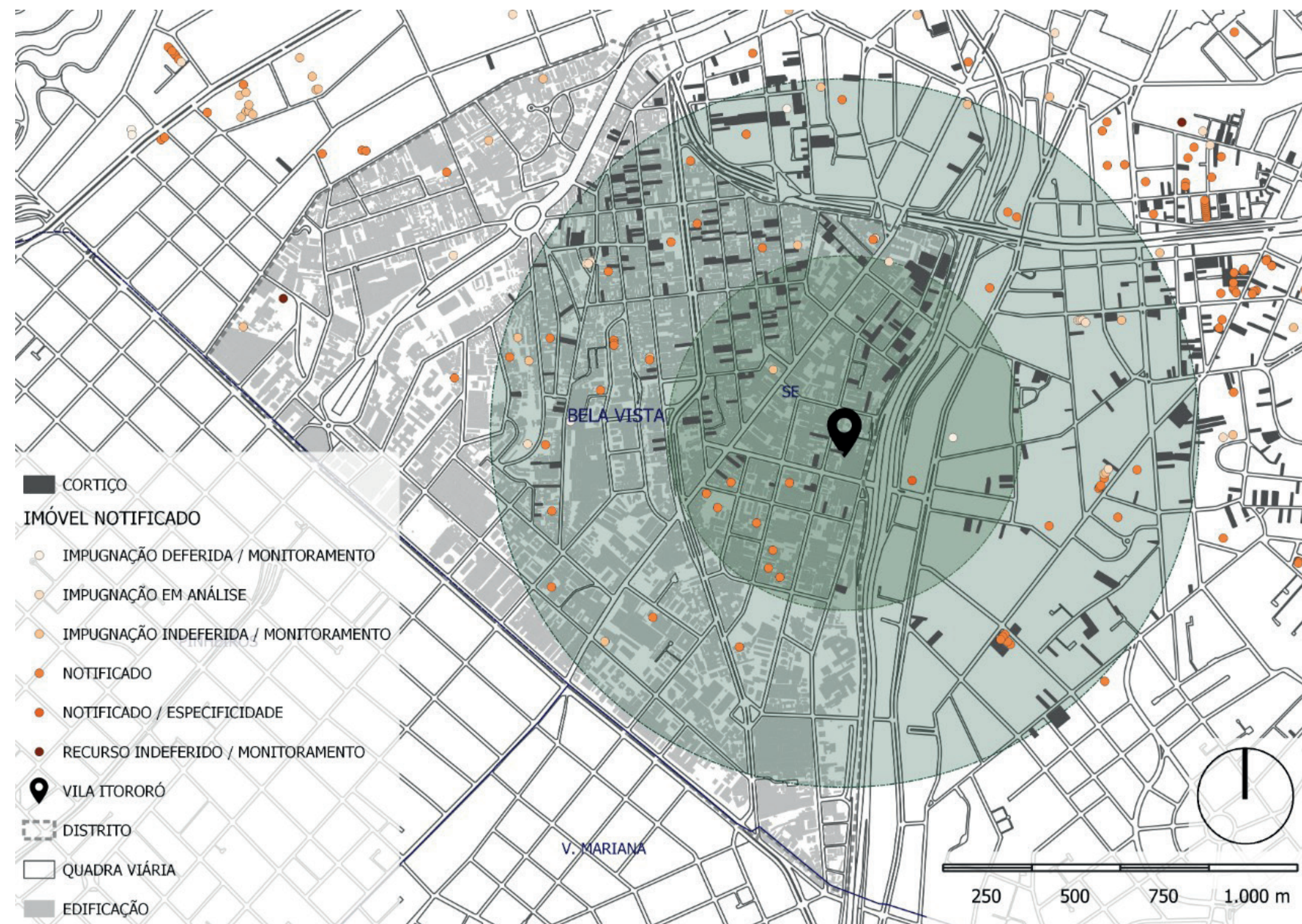
O principal motivador pela busca por uma alternativa de projeto de restauro da Vila Itororó é a continuidade de seu uso voltado para a moradia, assim como foi no início de sua existência e como foi até sua recente desocupação promovida pelo Governo do Estado de São Paulo entre 2011 e 2013 .

## A capital

Como é conhecido entre estudiosos da área e diversos leigos também, São Paulo sofre de um sério déficit habitacional o qual se resume grosseiramente na necessidade de provisão de novas moradias. Assim, na busca por moradia, sua população mais pobre vai para os extremos da cidade, sobretudo os do sul e do leste, onde falta infraestrutura adequada mas o preço do terreno é menor ou nulo, no caso de invasões. Esse déficit é de 368.731 unidades habitacionais, segundo o Plano Municipal de Habitação de São Paulo de 2016, o qual também informa que o número sobe se for analisar as habitações irregulares, só essas representam 829.272 moradias. Segundo mesmo plano, São Paulo também apresenta 1.385 imóveis ociosos entre eles imó-



veis não edificadas, imóveis subutilizados, não utilizados e abandonados, com um número significativo desses encontrando-se na região central da cidade. O mesmo mapa que exibe imóveis nessa situação de irregularidade conjuntamente aponta os imóveis encortçados na região. Esse é um fenômeno muito comum nas áreas centrais da cidade e nos arredores da Vila e sua identificação pode levar à um plano maior de não só restaurar e manter o uso habitacional nas casas da Vila Itororó mas também nesses demais imóveis, portanto provendo moradia de qualidade para classes menos favoreci-



Cortiços e imóveis notificados. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.

das da população e em bairros com uma ótima infraestrutura como será apontado adiante.



## A escala do bairro

Para melhor entender a abundância de infraestrutura de diversos tipos ao redor da Vila Itororó encontram-se alguns mapas nessa parte do caderno nos quais raios de 500m e 1000m foram desenhados com o centro na própria Vila.

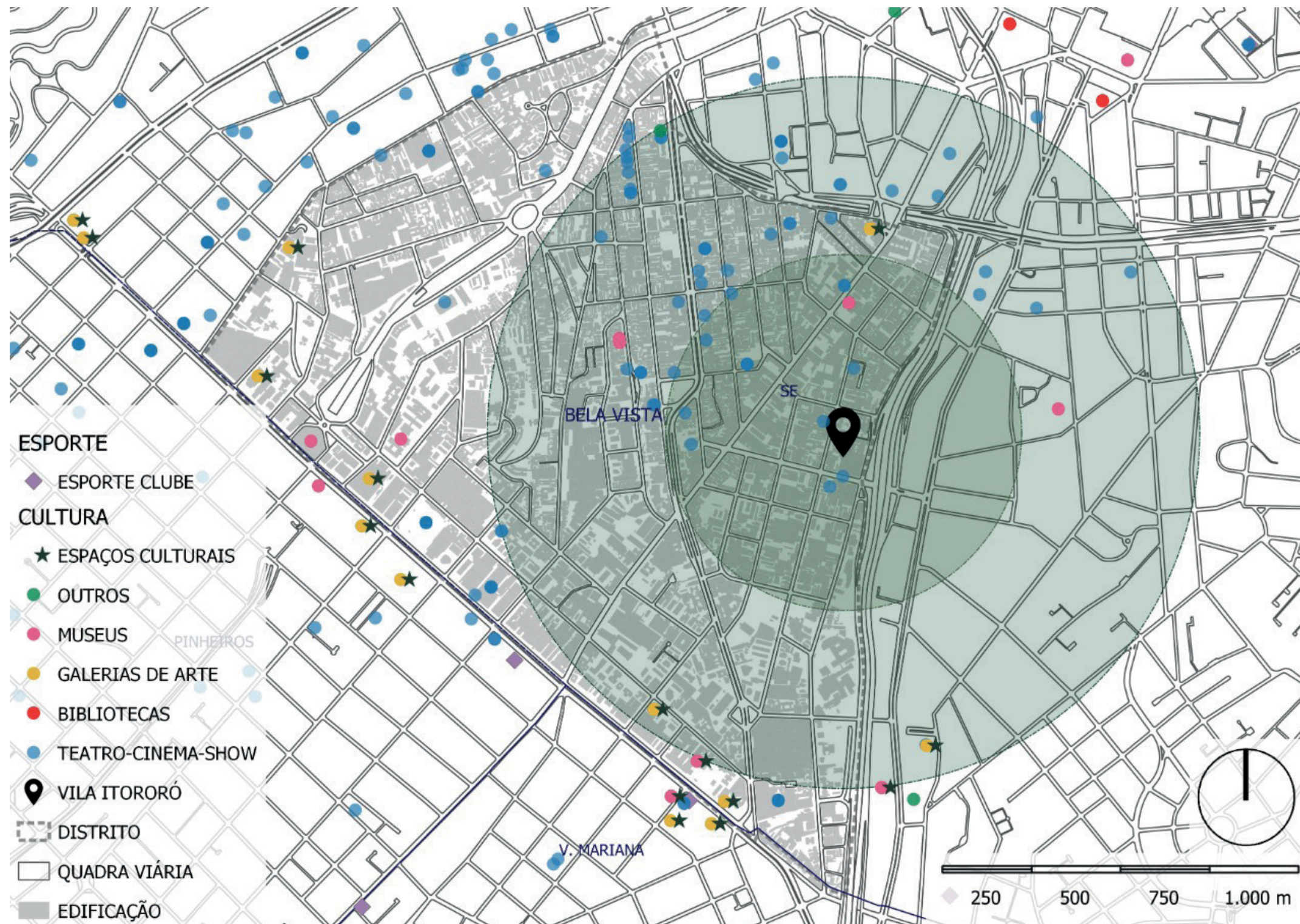
Começando com os equipamentos de cultura, nessa nomenclatura abrangendo museus, galerias de arte, espaços culturais, bibliotecas, cinemas, teatros e espaços dedicados a shows nota-se como num raio de 500 metros existem 10 edifícios deste tipo. O número fica ainda maior quando aumentamos esse raio para 1000 metros, ou 1 quilômetro, onde há 57 equipamentos culturais, entre eles o famoso Centro Cultural São Paulo que abriga biblioteca, auditório, espaço para ensaios de grupos adolescentes de dança a diversas performances artísticas. Tudo isso sem contar os equipamentos existentes na Avenida Paulista por se encontrar um pouco além de um quilômetro de distância da Vila. Porém conta com apenas um equipamento dedicado à esportes, talvez acentuando a importância que o antigo clube da Vila poderia voltar a ter.

Pra uso de lazer e possíveis práticas esportivas conta com 2 parques públicos: à distância de 1600 metros, o Parque Tenente Siqueira Campos ou mais popularmente conhecido por Parque Trianon e o Parque da Aclimação, à 1800 metros.

Passando para os equipamentos de educação, vemos que há

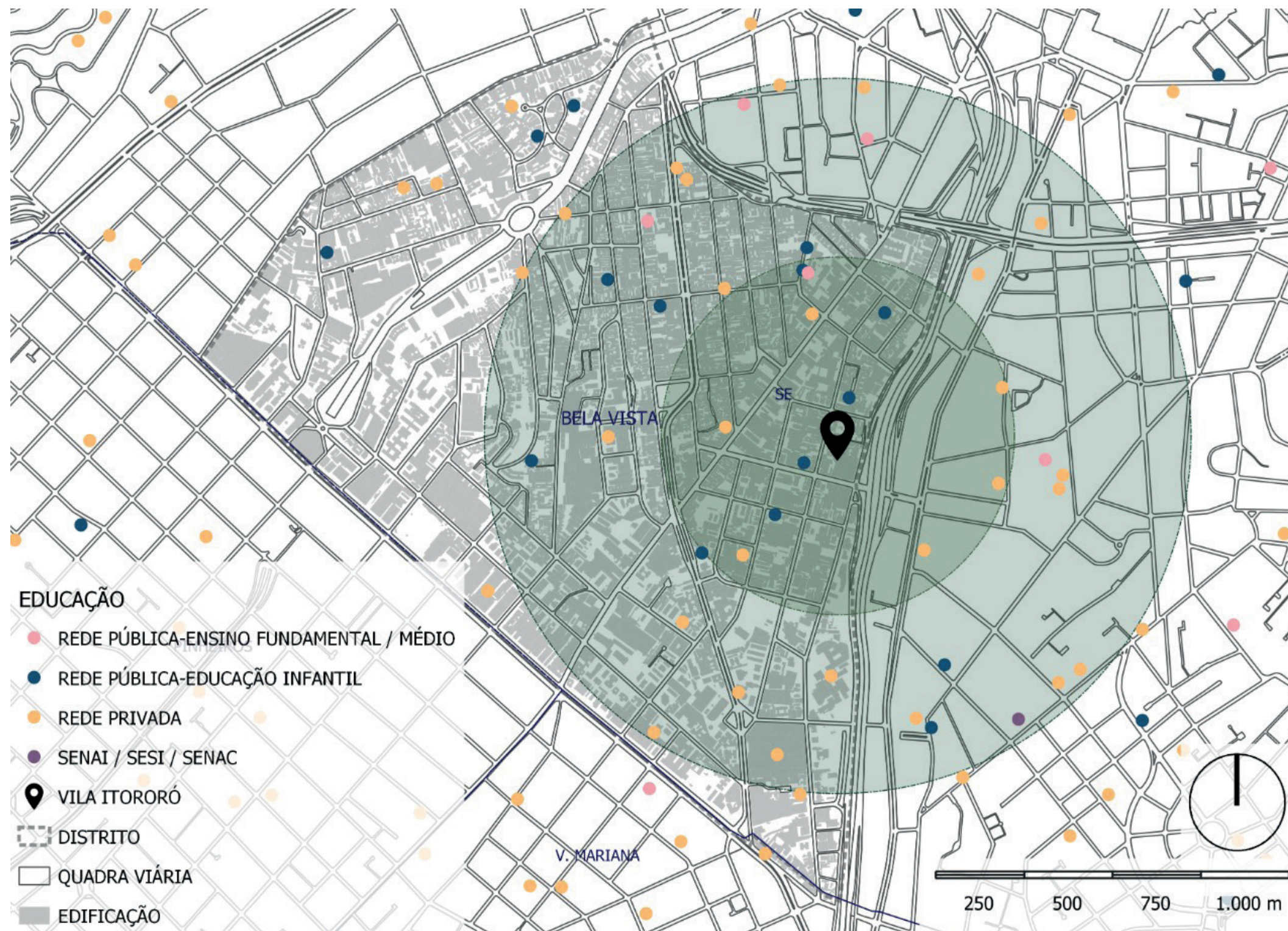


1 escola de ensino fundamental e médio e 6 de educação infantil numa distância que poderia ser facilmente percorrida por crianças mais novas devidamente acompanhadas ou mesmo por um responsável e sua criança de colo. Ao aumentar o raio pode-se notar a presença de mais 6 escolas de educação infantil, 4 de ensino fundamental e médio e 1 Senac, excetuando-se as particulares. Ainda no quesito de acesso à educação e conhecimento vemos que possui dois pontos de



Equipamentos de cultura e esporte.  
Escala gráfica. Fonte: Geosampa.

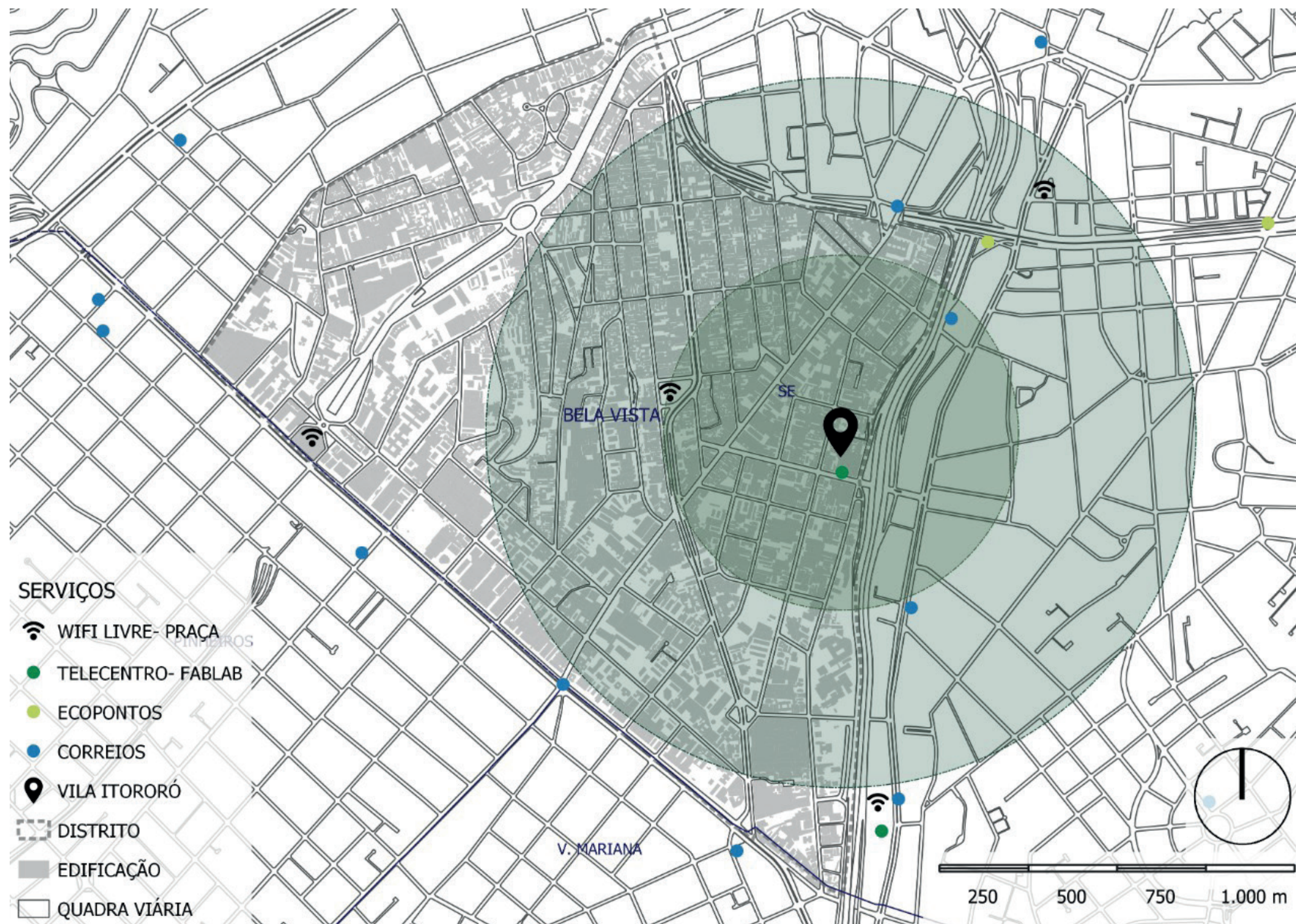




Equipamentos de educação. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.

WiFi Livre e o FabLab instalado no galpão Vila Itororó Canteiro Aberto. No provimento de transporte público a reação também não deixa nada a desejar. Possui dois corredores exclusivos de ônibus e aproximadamente 35 linhas de ônibus atravessando o entorno imediato conjuntamente com a existência de mais de 15 pontos de ônibus nos primeiros quinhentos metros ao redor da Vila. Além de 3 estações de metrô pertencentes à Linha 1 - Azul mas podendo ter acesso à estações da Linha 2 - Verde caso caminhe até à Avenida Paulista, mais especificamente até à estação Brigadeiro (1,2 km) e à Linha 3 - Verme-

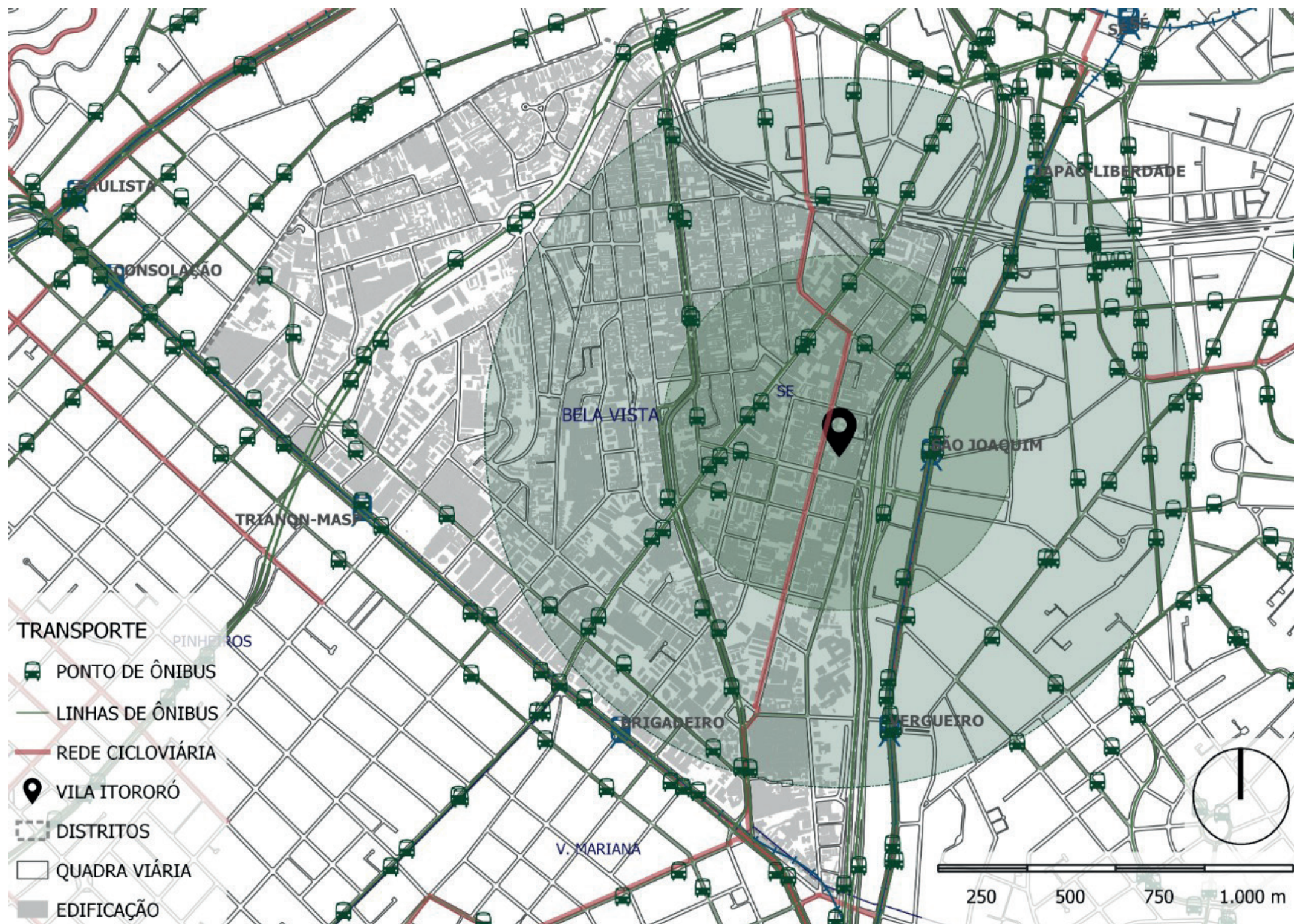




Pontos de conectividade. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.

Iha na estação Sé a 1,7 km. Ou mesmo fazer a transferência para as demais linhas embarcando pela estação São Joaquim da Linha 1 - Azul (mais próxima) levaria poucos minutos. Igualmente possuí acesso fácil e rápido a duas ciclofaixas. Numa distância percorrável em menos de 10 minutos, um morador da Vila poderia ter aces-



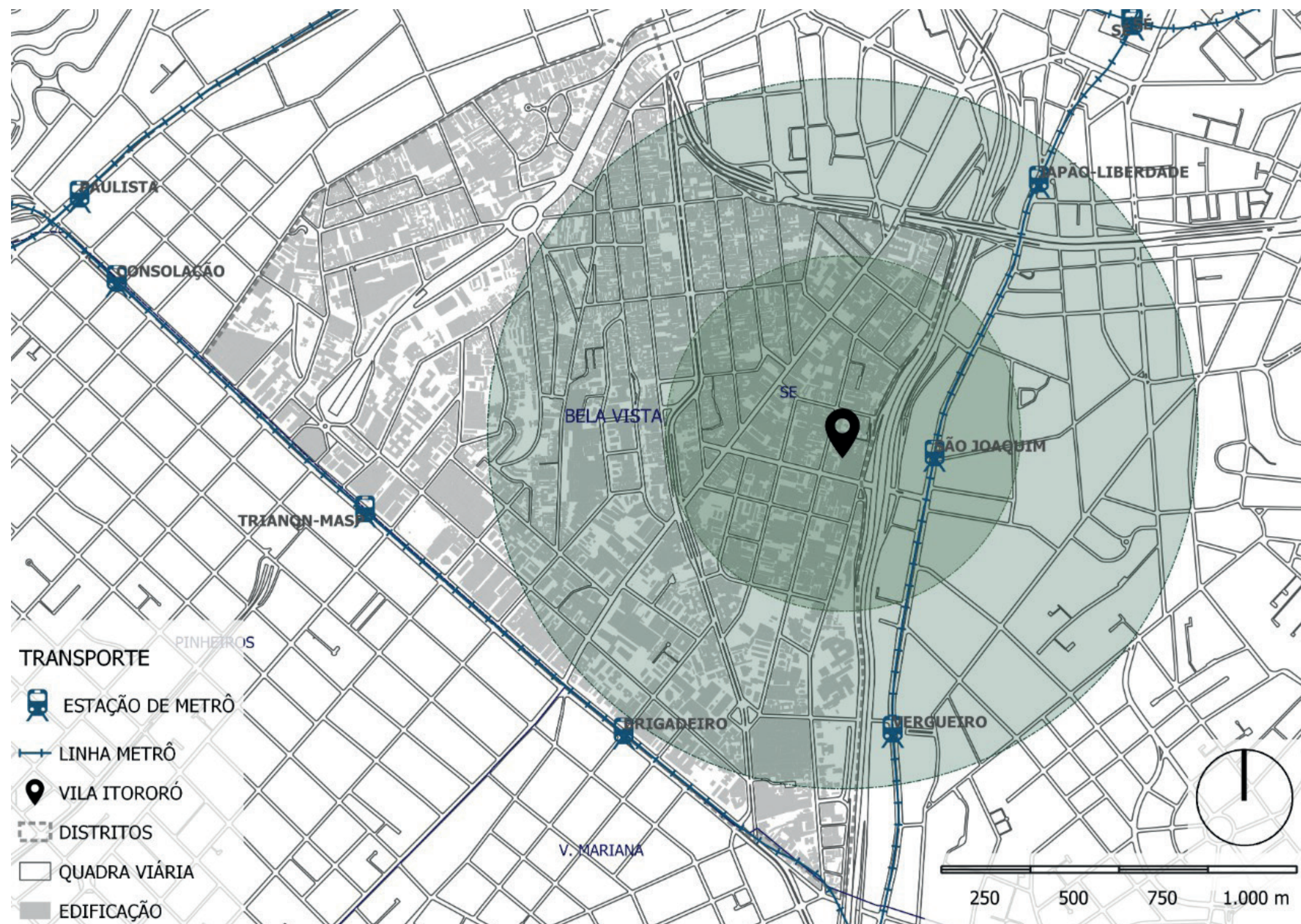


Transporte público sobre rodas. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.

so a 4 hospitais e uma UBS (Unidade Básica de Saúde)/Posto de Saúde. Dobrando a distância percorrida, dobra-se também a quantidade de UBS/Posto de Saúde além de mais que quintuplicar a de hospitais (o número sobe para 21) e dar acesso a dois ambulatorios especializados. Apenas em sua própria quadra ou quadra fronteiriças existem dois supermercados, ambos na rua Pedroso. Também conta com a presença de dois sacolões e oito feiras livres na escala escolhida para análises. Outro tipo de equipamento de suma importância para comunidades formadas por classes mais baixas como era o caso



dos últimos habitantes da Vila é a Assistência social, também encontrada nos arredores em uma boa quantidade, totalizando doze unidades. Com tanta infraestrutura disponível a retirada dos moradores, compostos sobretudo por classe média baixa e classe média, reforça a desigualdade observada quando se trata de direito à cidade.



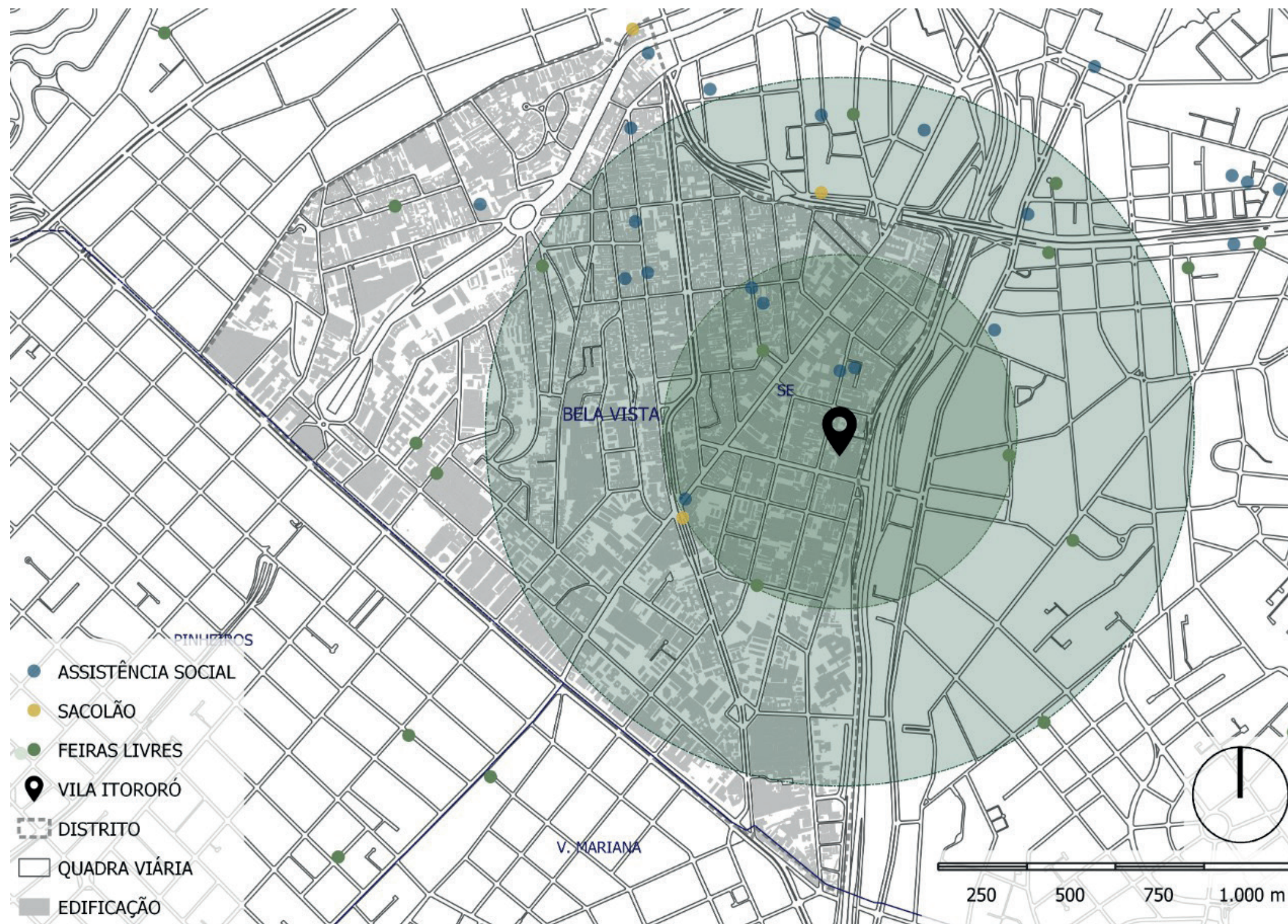
Transporte metroviário. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.





Equipamentos de saúde. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.





Equipamentos de assistência social. Escala gráfica. Fonte: Geosampa.



## A escala da Vila

Ao aprofundar mais as leituras sobre a Vila Itororó, realizar um estudo in loco e analisar os desenhos do levantamento da mesma, tanto no todo como no das casas individualmente- material esse bondosamente compartilhado comigo pelo Instituto Pedra, autor do levantamento- pude perceber que o uso cultural e habitacional sempre coexistiram neste espaço e que não há porquê para não contiuar a ser assim.

Ao assumir a responsabilidade de fazer o levantamento do local e de comandar as obras de restauro, o Instituto Pedra deu início a um projeto muito pertinente, o de usar um galpão já obtido pela Prefeitura e incorporado ao conjunto pois permitiria acesso ao interior da Vila pela quarta rua circundante da quadra, a Pedroso, para um uso cultural livre de forma a engajar toda a comunidade no cuidado e restauro da mesma. Esse lugar vem sendo muito utilizado por diversas camadas sociais e com diversas finalidades, seja para apreciar as apresentações circenses, musicais, teatrais etc ou para usar o espaço dedicado a treinos de diversas modalidades artísticas e até mesmo para cozinhar pois possui cozinha comunitária.

Ao se pensar no restauro da Vila como um todo e a sua destinação para uso habitacional, parece razoável manter o galpão e

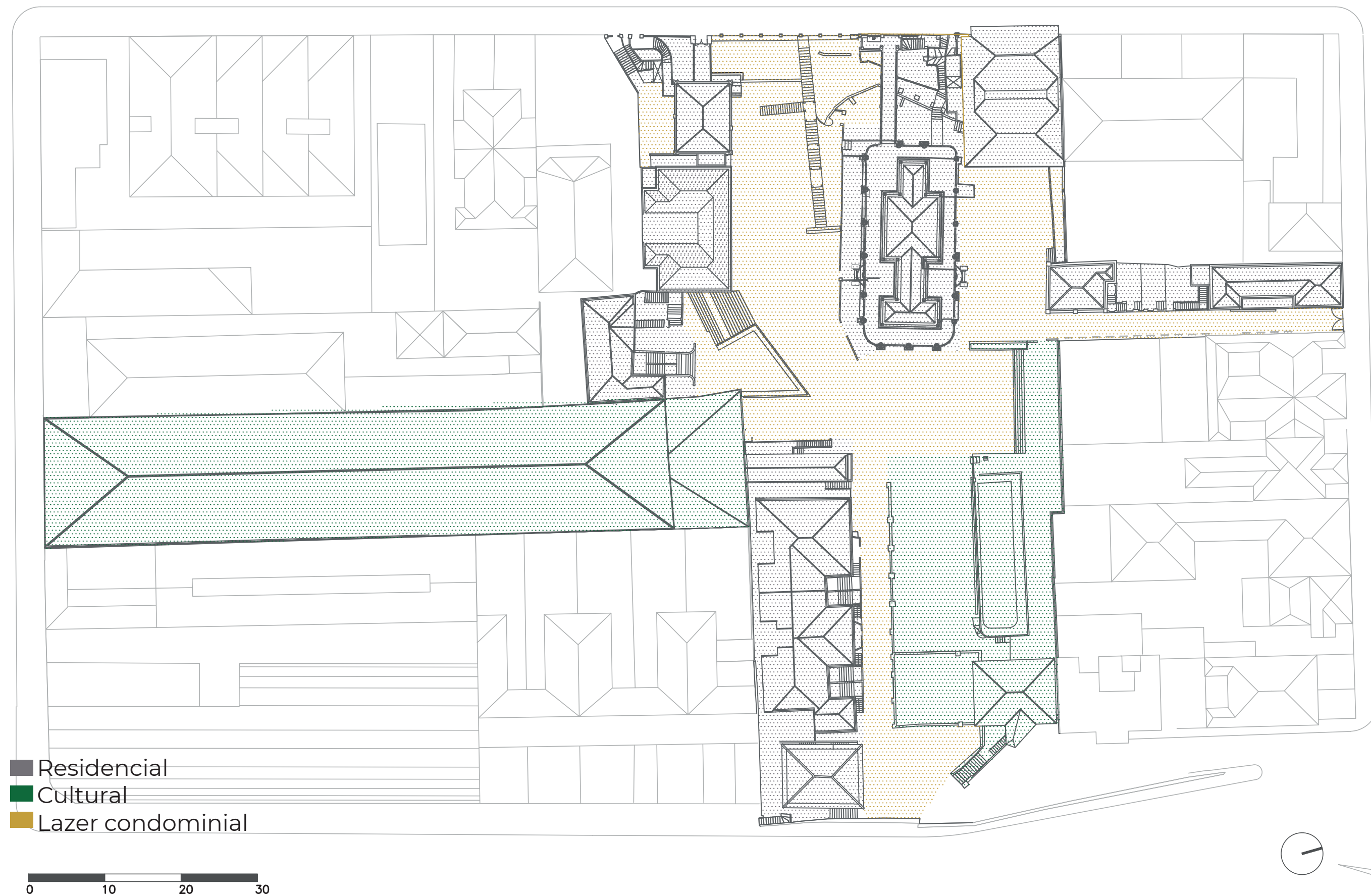
seu atual uso sem prejuízo nenhum para a proposta aqui defendida. Pelo contrário, acredito que enriqueceria o espaço da Vila ao proporcionar um espaço de lazer e aprendizado a mais para os moradores enquanto poderia fortalecer os laços de comunidade tanto entre os habitantes da vila entre si quanto deles com os demais vizinhos do bairro.

Outro espaço que já possui essa função cultural e pela bibliografia levantada parece ter funcionado razoavelmente bem<sup>13</sup> é o Clube que assim como o galpão, de nome Vila Itororó Canteiro Aberto, possui uma entrada individual permitindo que seus frequentadores não precisem passar pelo interior da Vila, possivelmente invadindo total ou parcialmente a privacidade dos moradores, ao mesmo tempo que por fazer parte do conjunto pode fornecer um acesso aos demais espaços da Vila de forma controlada .

Portanto, a mudança seria mais repensar o acesso dos moradores ao clube, pois como é sabido nem todos o usufruíram em sua totalidade por se tratar de um clube particular com uma mensalidade não acessível a todos e contando com apenas alguns eventos abertos, como no caso dos bailes e sessões de cinema<sup>14</sup>. Logo, a passagem para um local de uso público para usufruto possível por toda a comunidade vizinha, não só dos habitantes da Vila, permitiria o acesso a todos os cursos oferecidos por parte da comunidade e máximo aproveitamento da infraestrutura existente pois o local conta com piscina e salões.

A seguir encontra-se um estudo de massas realizado de forma a ilustrar o espaço por cada um ocupado e coexistenciados dos diversos usos para o espaço da Vila.

Além do residencial e do cultural, possuiria um espaço de lazer compartilhado entre os moradores o qual poderia seguir regras estabelecidas pelos mesmos para boa convivência e limites de quais usos estes considerariam compatíveis com o espaço, como já ocorreu antes<sup>15</sup>. Igualmente poderia ser pensado como o espaço de primeiros contatos cuidadosos de retorno à normalidade pós pandemia pela qual todos ansiamos.



Estudo de massa para área da Vila Itororó. Escala gráfica. Fonte: Instituto Pedra.



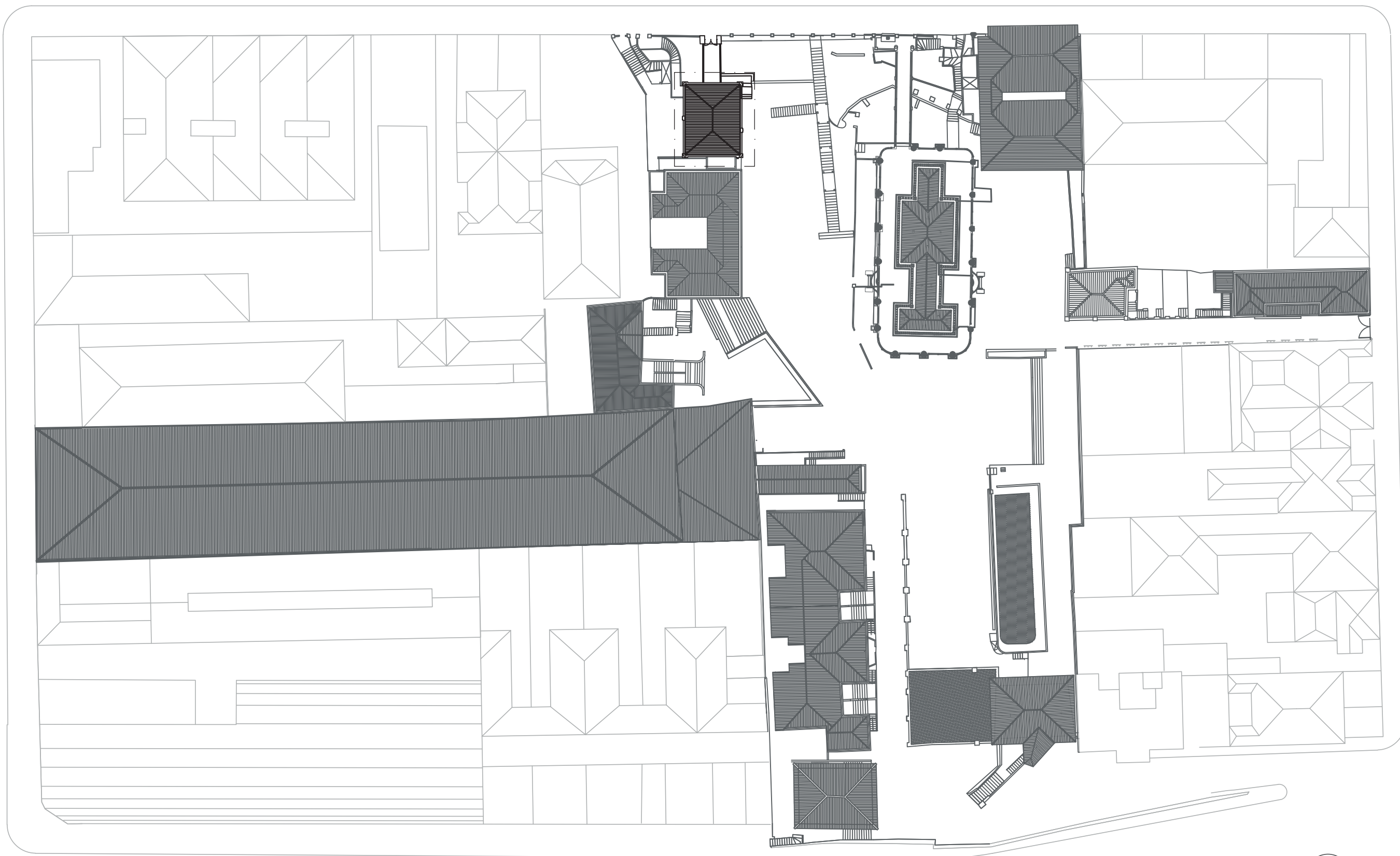
## A escala da casa

Para conseguir realizar um estudo, pois essa é a etapa de projeto alcançada neste trabalho, e para ilustrar melhor essa proposta demonstrando-a de uma forma mais tangível e visual. Após um período de análise dos desenhos do levantamento- os quais utilizei como base para este trabalho- escolhi uma dentre as diversas casas que eram usadas para aluguel desde a gênese da Vila Itororó.

Os critérios adotados para a escolha foram: possuir mais de uma habitação de modo a possibilitar a proposição de diversos layouts; uma planta com algum desafio e que preferencialmente ainda não tivesse passado pelo processo de restauro, como é o caso das casas incluídas na primeira fase de restauro comandada pelo Instituto Pedra e que já se encontra realizada e finalizada no momento da defesa deste trabalho. Tais critérios foram adotados com o intuito de permitir maior fruição da imaginação sem se prender ao já realizado ou padrões adotados por outros que não fossem necessariamente os acorados em documentos internacionais, como cartas patrimoniais.<sup>15</sup>

Assim a casa escolhida por mim foi a primeira casa à direita da entrada pela Martiniano de Carvalho destacada na implantação a seguir.

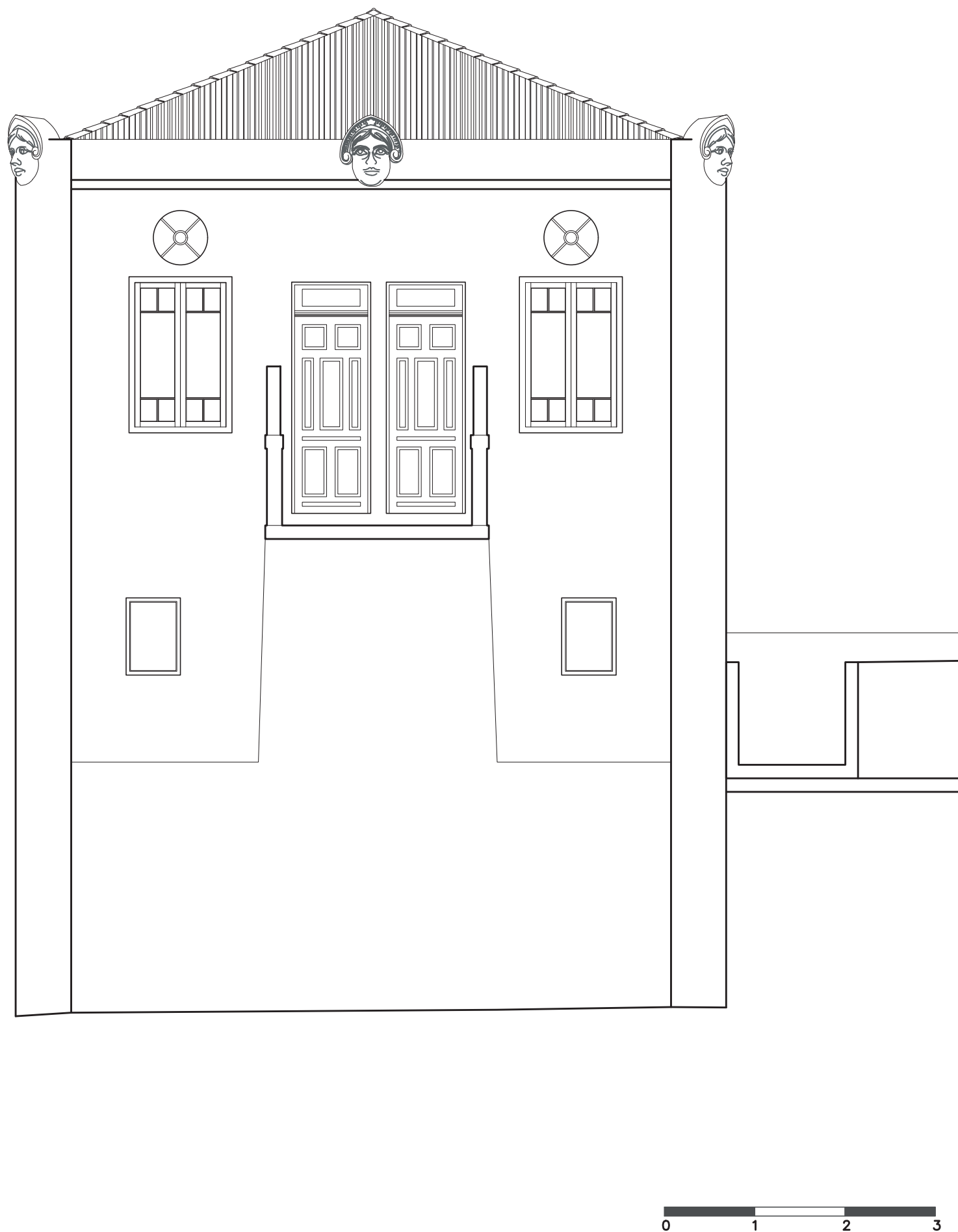




0 10 20 30



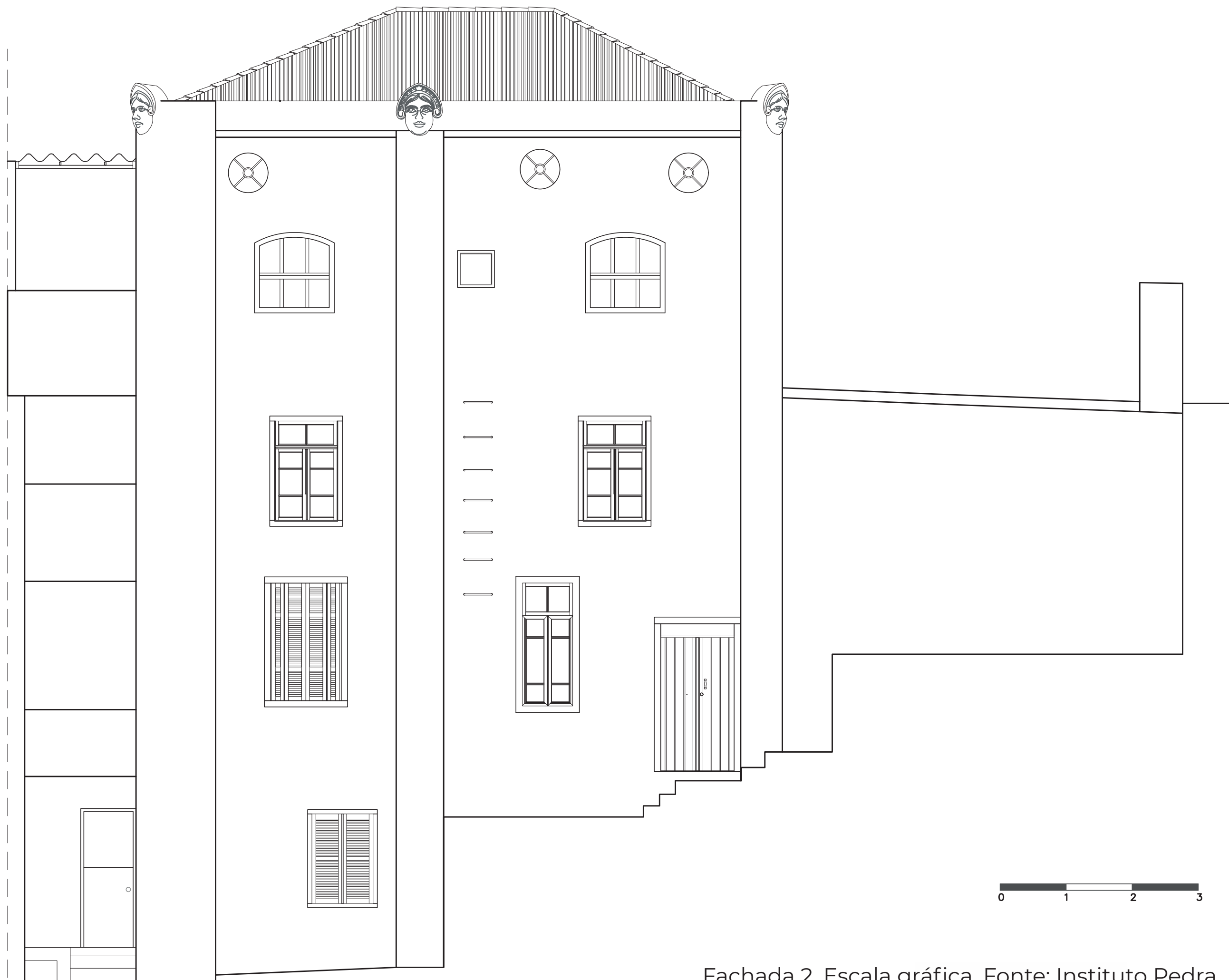
Implantação. Escala gráfica. Fonte: Instituto Pedra.



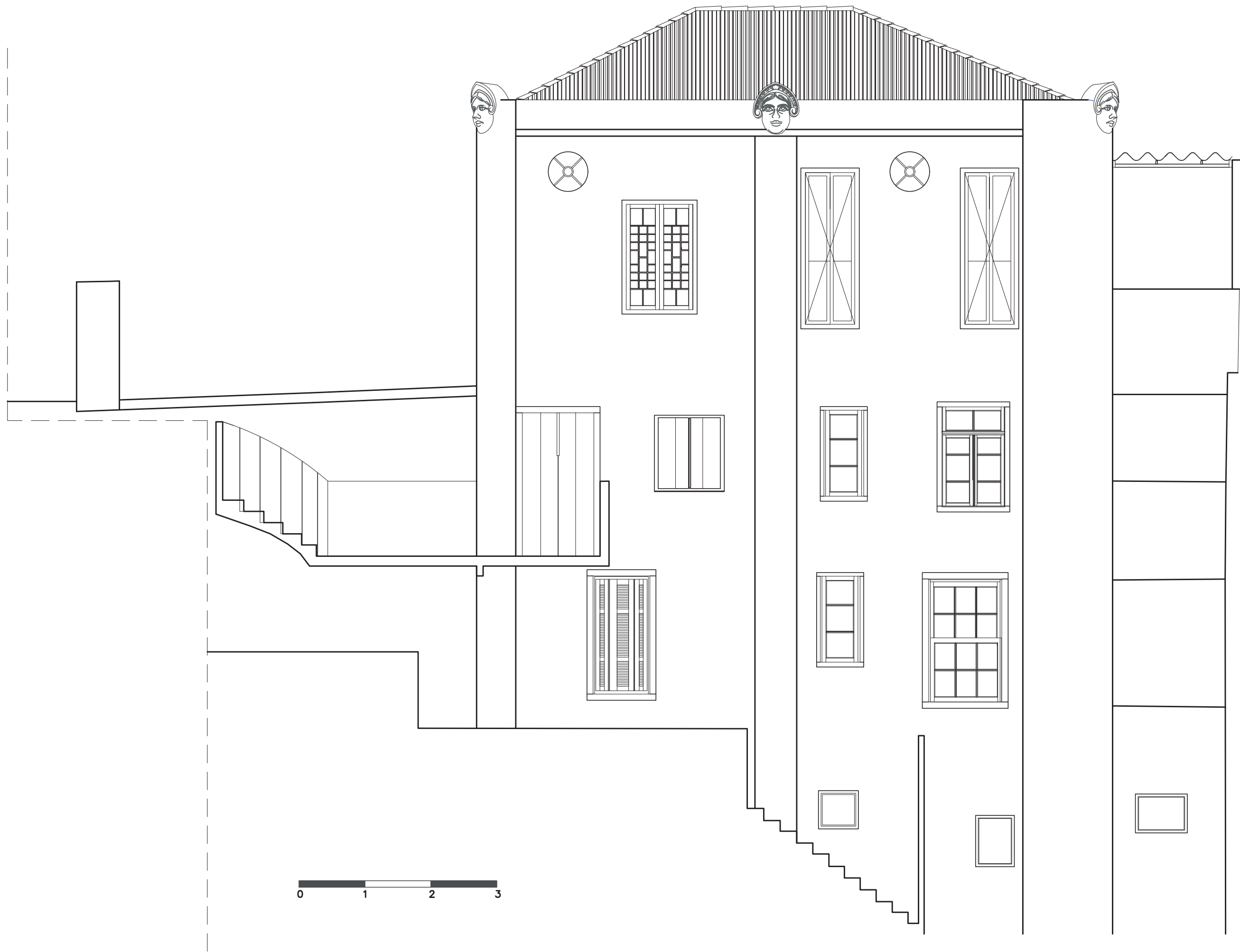
Fachada 1. Escala gráfica. Fonte: Instituto Pedra.

Para o exterior desta casa a opção adotada foi a de não tentar voltá-la a qualquer estado anterior mas aceitá-la em seu estado atual fazendo o possível para que todo essa sua longa história e diversas fases pela qual passou ainda se fizessem presentes de alguma forma. Para tanto uma das alternativas foi manter todos os caixilhos que seguissem a linguagem dos demais da Vila (de madeira e/ou madeira e vidro) mesmo aqueles que pelo acabamento ao fechar o vão remanescente na troca do caixilho original deixasse evidente que é uma substituição mais recente. Portanto, apenas nivelando a argamassa nessas áreas com a restante e deixando-a como um todo sem fissuras ou descamamentos, inclusive como forma de proteção da alvenaria existente abaixo. Para os vãos que estavam sem caixilho optou-se por preencher com modelos modelos menos ornamentados e mais discretos em madeira e vidro que pudessem ser fabricados

no tamanho exato do vão de forma a respeitá-lo ao máximo, como é o caso de três vãos do pavimento A ou primeiro pavimento a partir do nível da Vila. Outros vãos estavam completamente ou parcialmente fechados com alvenaria no momento da visita realizada por mim durante o desenvolvimento deste trabalho. Para este caso propus duas alternativas de layout (caso do pavimento C e suas janelas na sala e quarto voltados para a rua Martiniano de Carvalho) em que tanto a alternativa de mantê-los fechados quanto a de reabrí-los foram contempladas. O oferecimento de duas soluções distintas são fruto do entendimento que as decisões que envolvem o que é ou não aceitável num processo de restauro não pode partir da visão de uma única pessoa, logo, necessita do envolvimento e debate entre a população e profissionais de diversas áreas. Além do mais, no restauro, um mesmo problema pode ter soluções diferentes, pois não existe uma única solução, aceita de modo universal e atemporal mas várias possíveis soluções de pertinência relativa (Kühl, 2008, p. 84-85.).



Fachada 2. Escala gráfica. Fonte: Instituto Pedra.



Fachada 3. Escala gráfica. Fonte: Instituto Pedra.



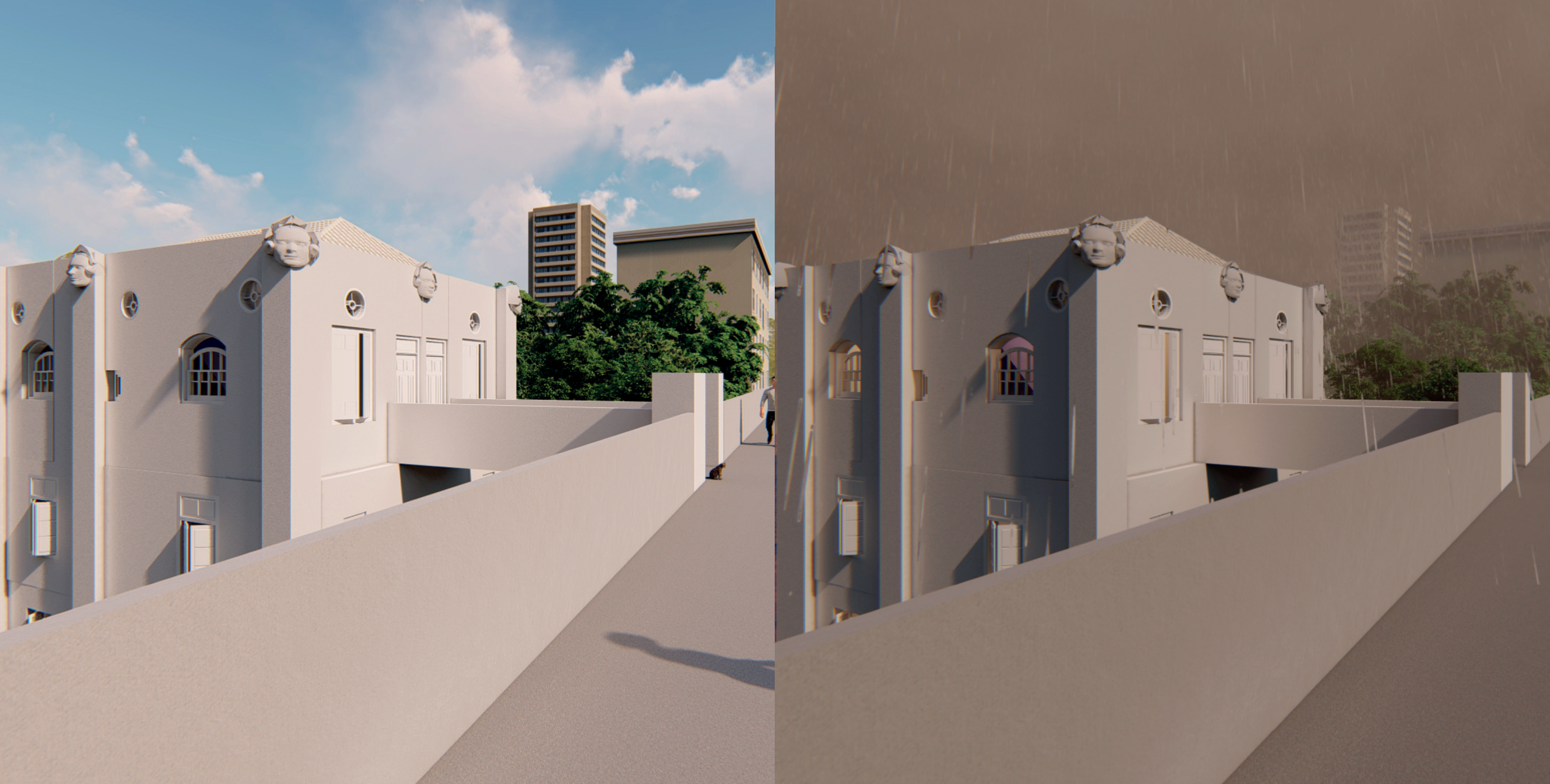


Imagem extraída da maquete eletrônica com intuito ilustrativo de como a casa ficaria após restauro. Possui linha do horizonte do observador no nível da calçada da rua Martiniano de Carvalho.



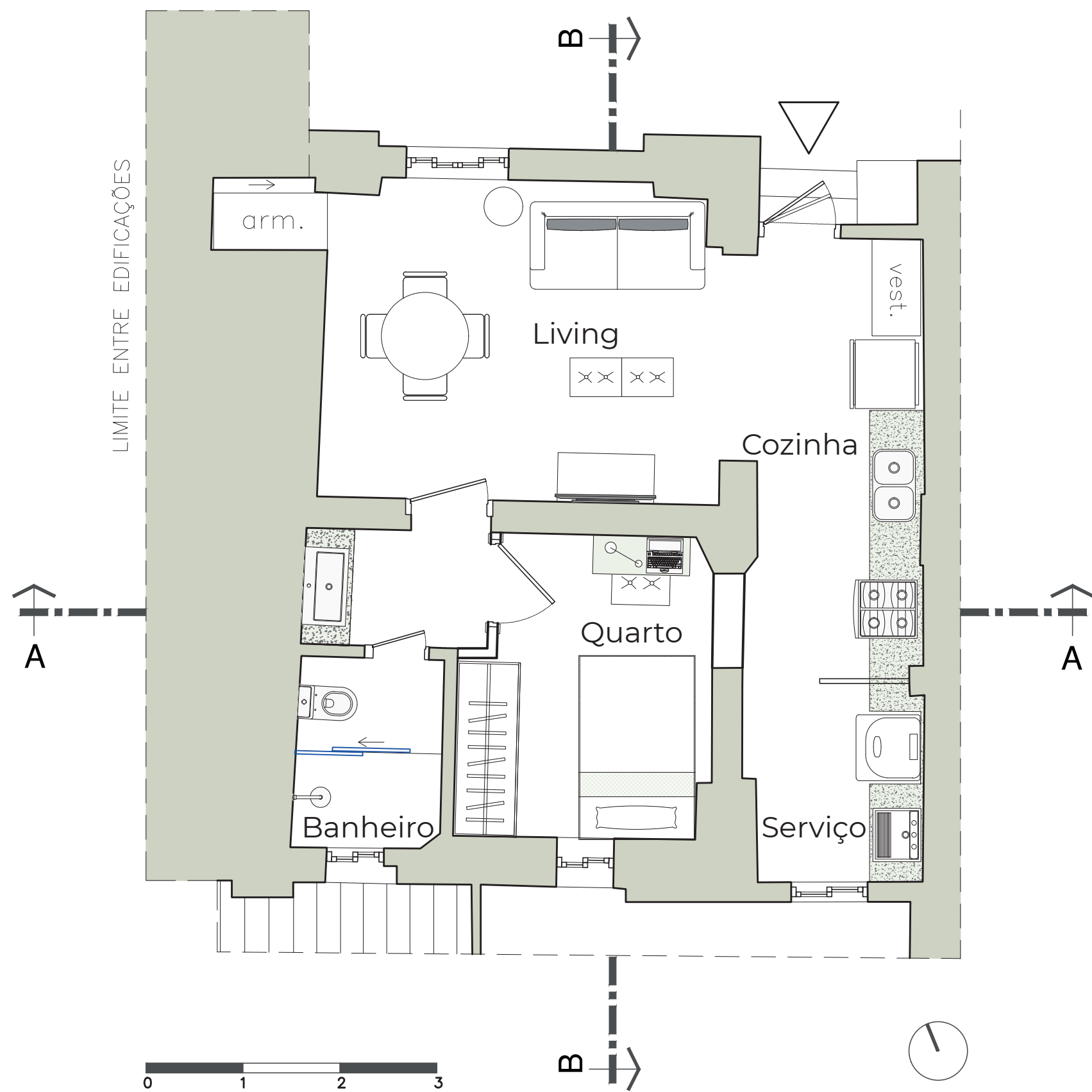
## A escala da habitação

A casa possui quatro pavimentos com uma área média de 65 m<sup>2</sup> excetuando-se o primeiro que é menor com aproximadamente 40 m<sup>2</sup>. Para cada pavimento estudei duas opções de layout, uma tentando manter a distribuição e proporção entre cômodos o mais próximo do atual possível e outra um pouco mais ousada, contando com demolições e troca de portas existentes.

O Pavimento A, primeiro aqui a ser apresentado, possui um de seus layouts mantendo a localização da cozinha e banheiro onde estava após desapropriação da casa e teve seu espaço pensado para uma pessoa solteira ou casal sem filhos, com a cama dobrável no living embutida num armário articulável (detalhado adiante). Já o outro layout teria a disposição dos comodoss alterada possibilitando uma planta mais aberta e integrada das partes sociais da casa, como vem sendo adotado por muitas famílias atualmente. Em ambos os casos, optou-se por um lavatório separado do restante do banheiro para agilizar o processo de higienização de mãos após a chegada em casa.

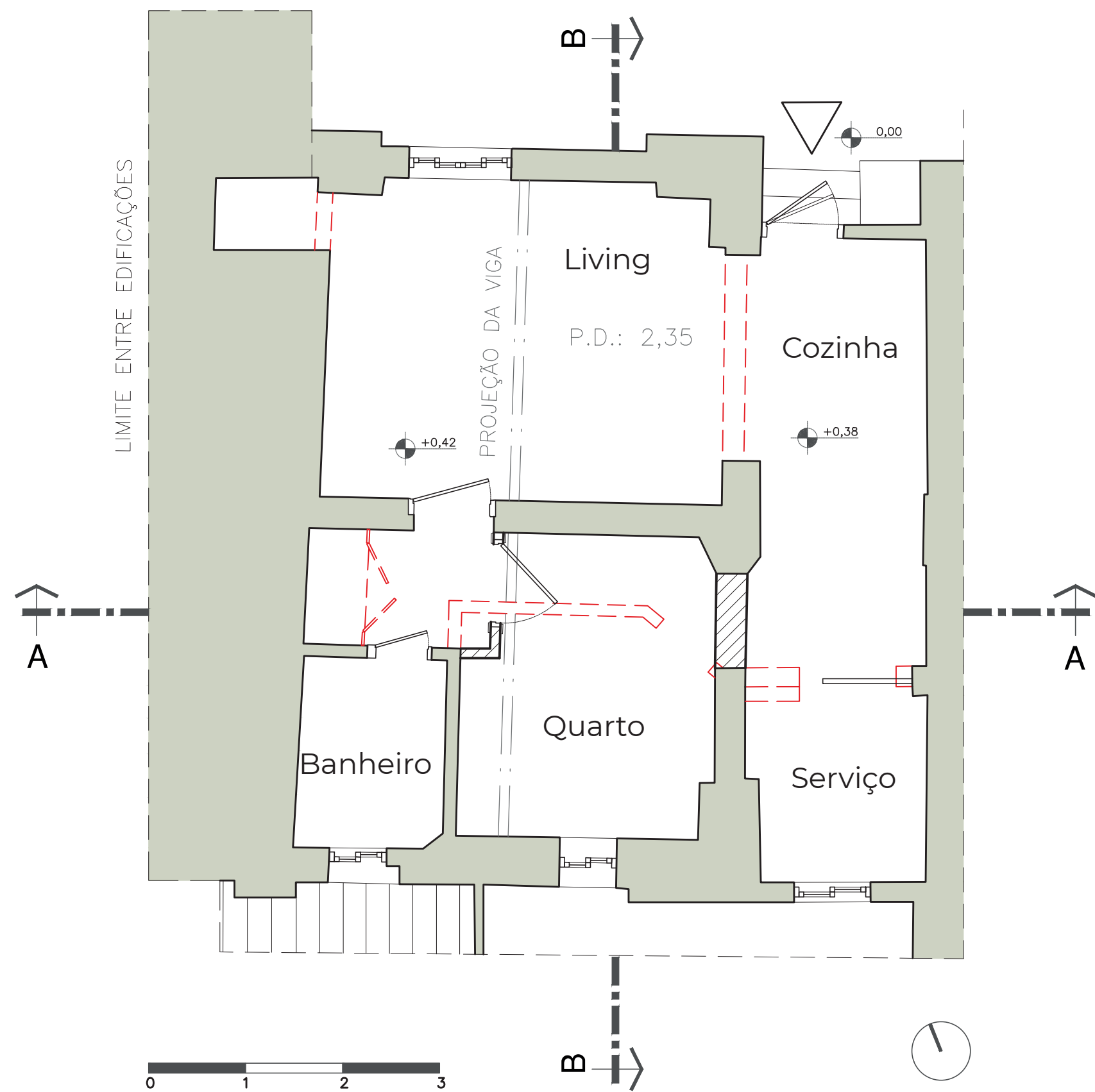
Todos os pavimentos possuem uma planta de alvenaria separada da planta do layout para melhor ilustrar quais partes sofreriam modificações com demolições ou construção de novas divisórias.

As primeiras opções de layout possuem imagens de 3D meramente ilustrativo para auxiliar na melhor visualização do espaço.



Pavimento A - Layout  
Opção 1





Pavimento A - Alvenaria  
Opção 1  
Fonte: Instituto Pedra

- Alvenaria existente
- Alvenaria a construir
- Alvenaria a demolir

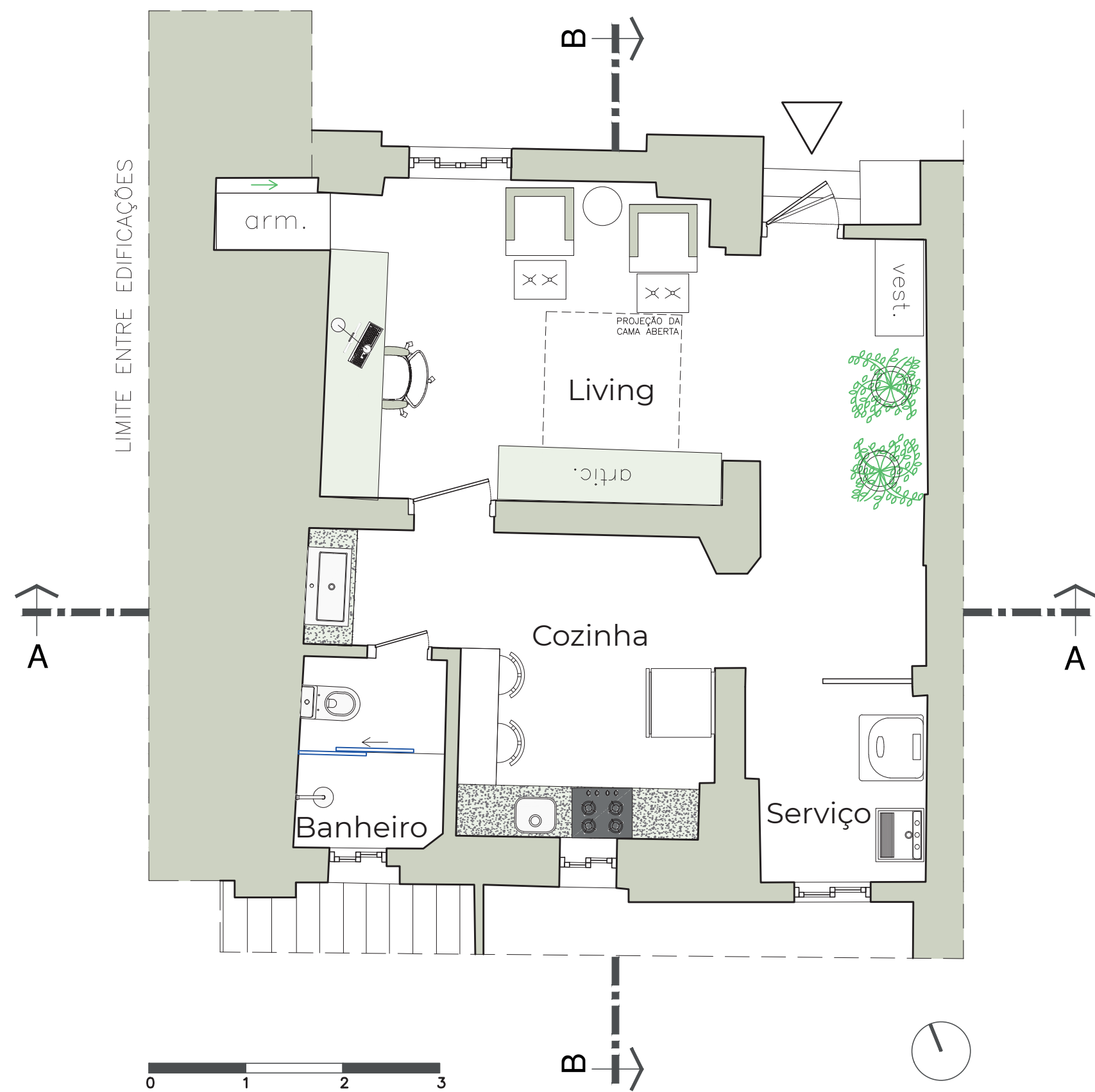




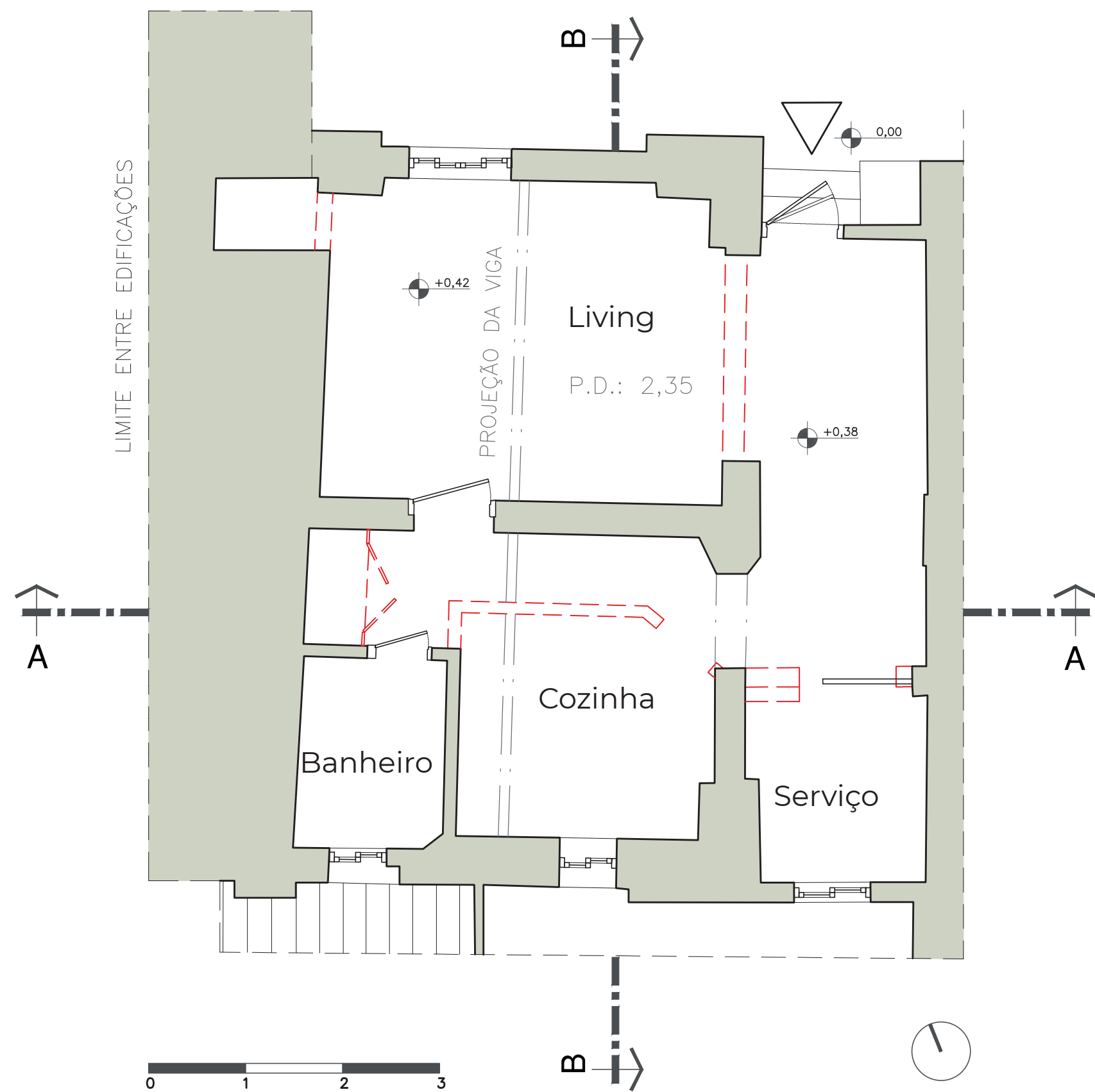








Pavimento A - Alvenaria  
Opção 2



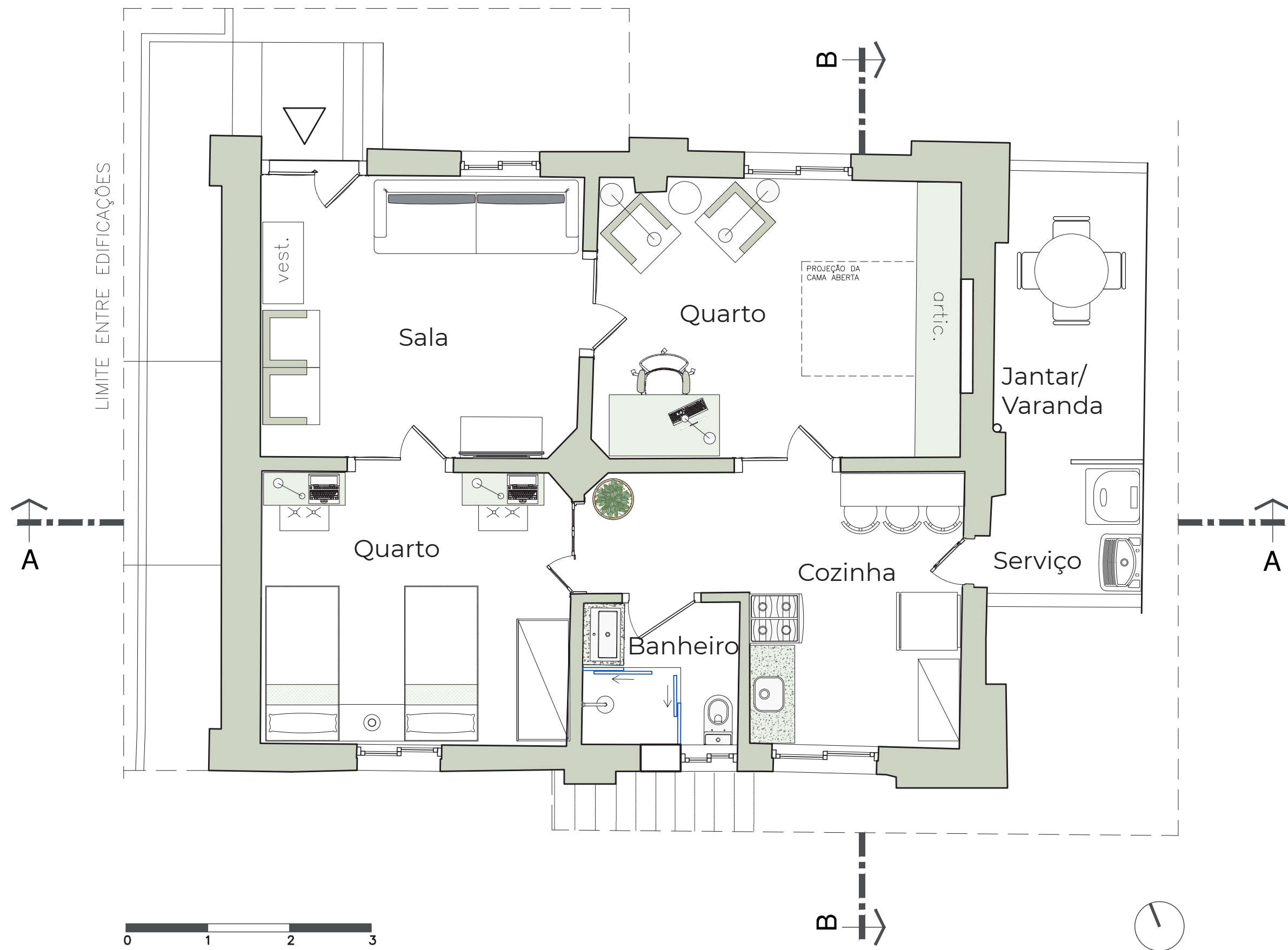
Pavimento A - Alvenaria  
Opção 2  
Fonte: Instituto Pedra

- Alvenaria existente
- Alvenaria a construir
- Alvenaria a demolir



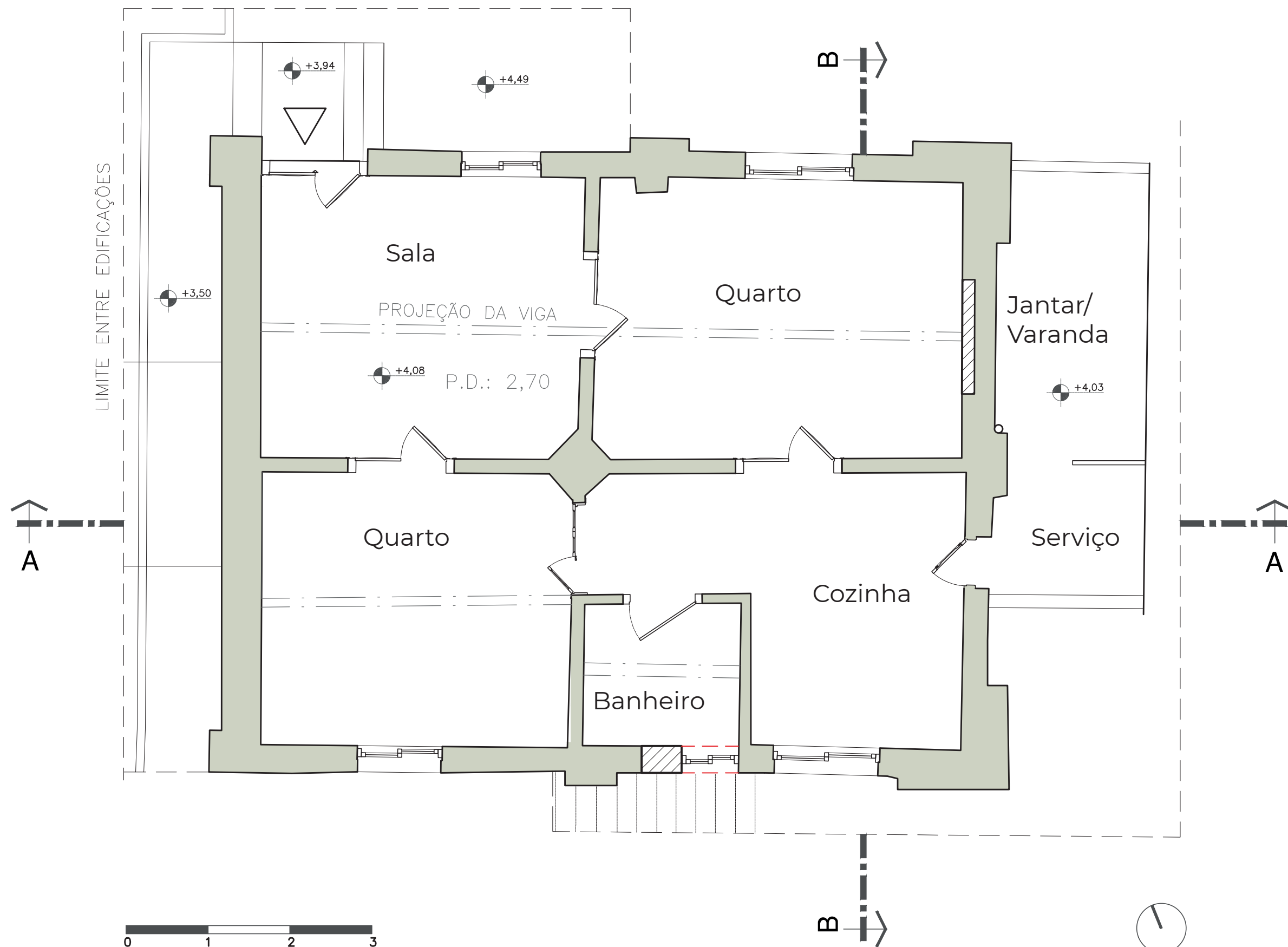
O pavimento B apresentava uma característica desafiante e única: o cômodo que possui a entrada da casa, adotado por mim como a sala, não possuía nenhuma ligação direta com o banheiro. Dessa maneira, seria necessário que uma visita adentrasse um dos quartos para usar o referido ambiente ou até mesmo no caso de acompanhar o morador à cozinha para tomar um café. Tal desafio recebeu duas soluções diferentes: a primeira: um móvel articulável permitiria que um dos quartos se transformasse num escritório durante o dia atendendo a dupla necessidade de primeiro, permitir que não moradores pudessem adentrar pelo mesmo sem ferir a intimidade e privacidade dos moradores e segundo, de atender à possível demanda por um espaço de trabalho ou estudos dentro de casa como o chamado *home office* ou aula à distância, ambos muito adotados durante esse período de pandemia. A outra solução seria inverter a localização da cozinha assim trazendo toda a área social da casa para sua face norte incluindo acesso à varanda/área de serviço.



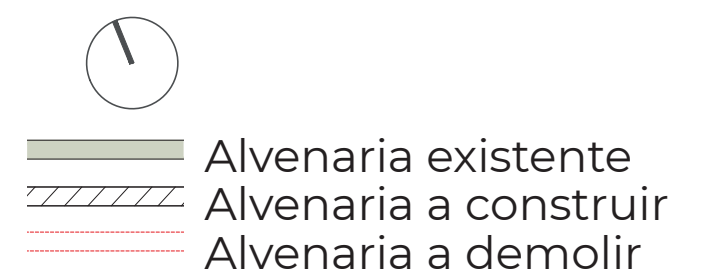


Pavimento B - Layout  
Opção 1





Pavimento B - Alvenaria  
Opção 1  
Fonte: Instituto Pedra



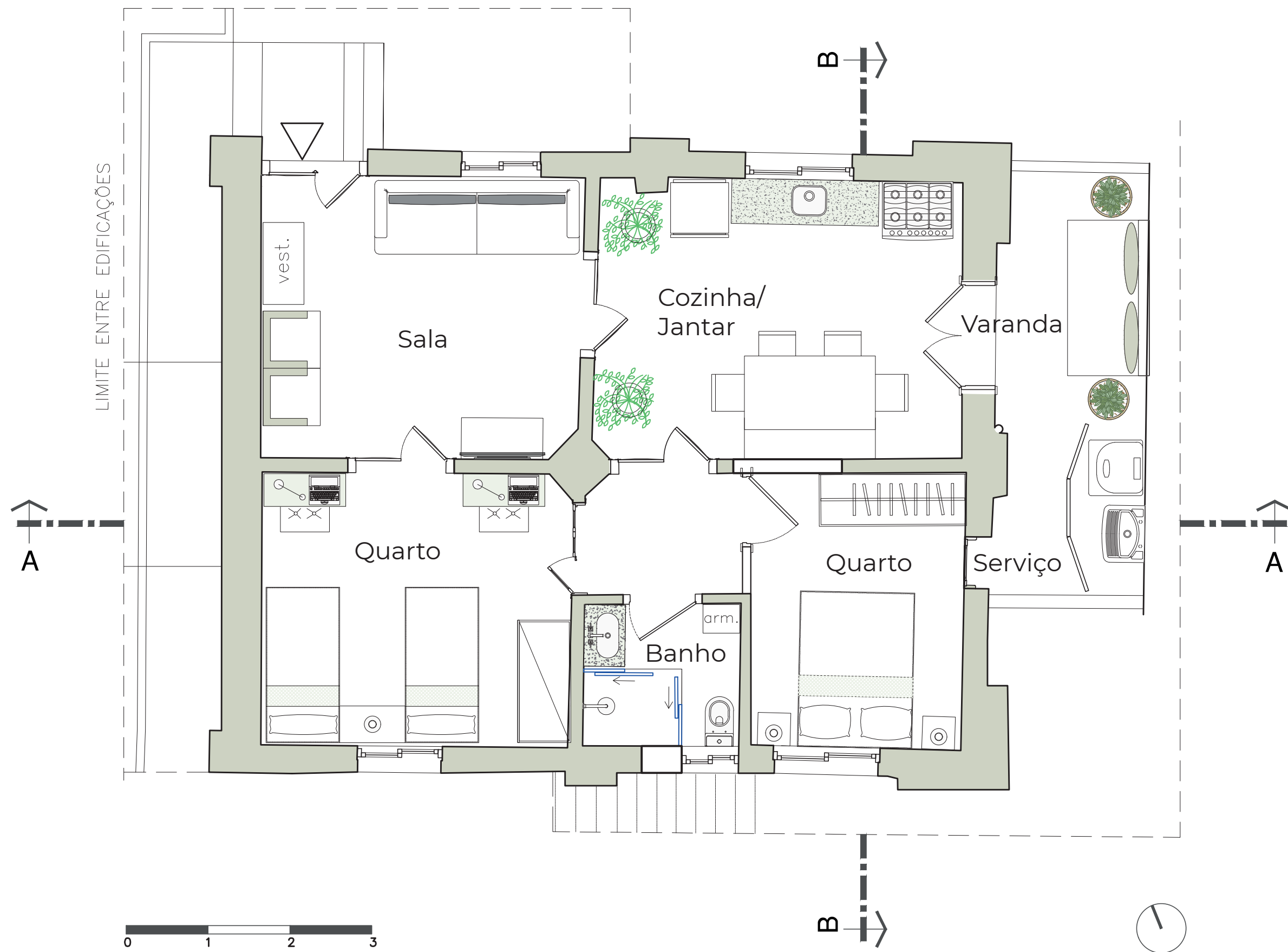






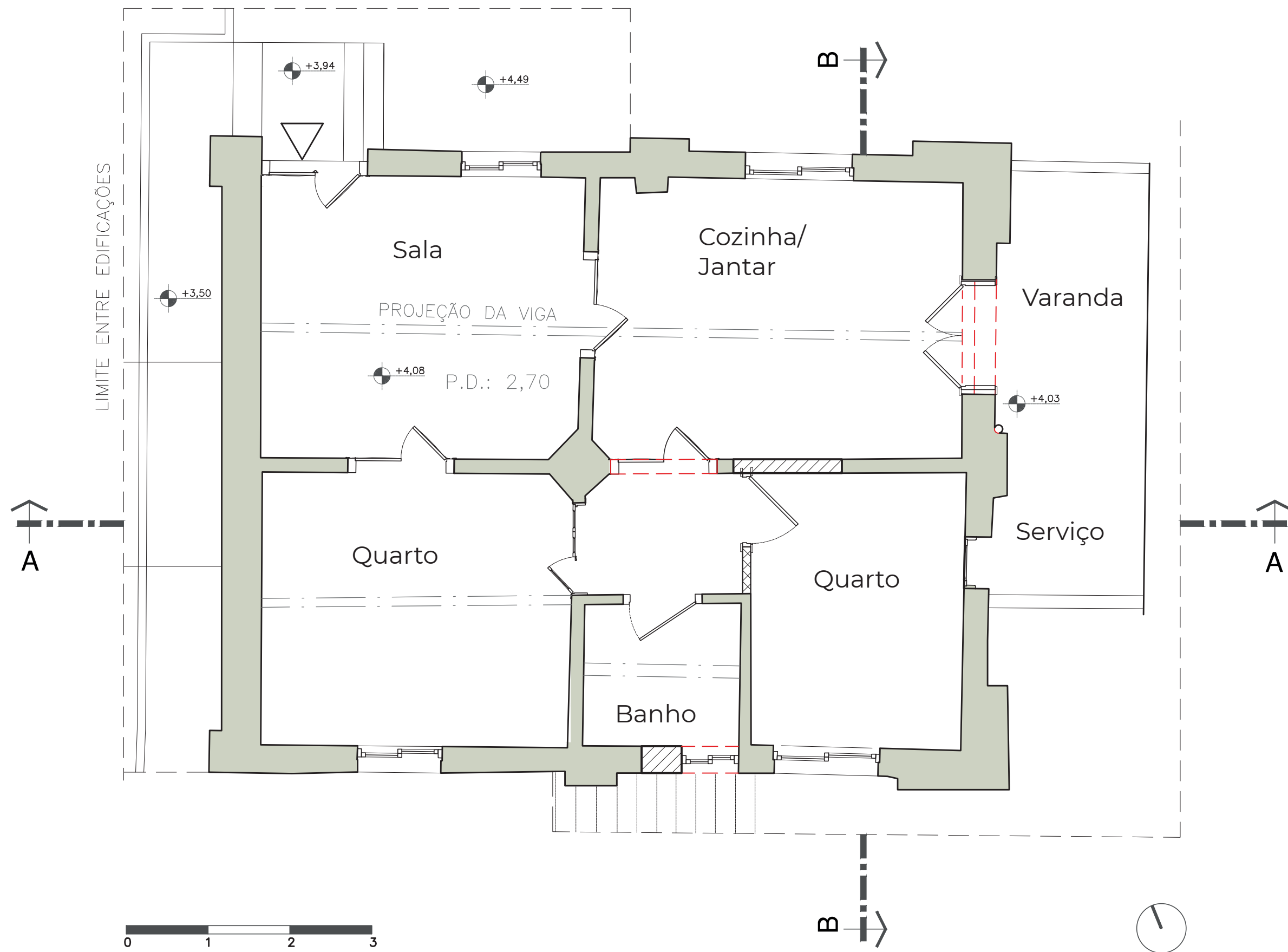






Pavimento B - Layout  
Opção 2





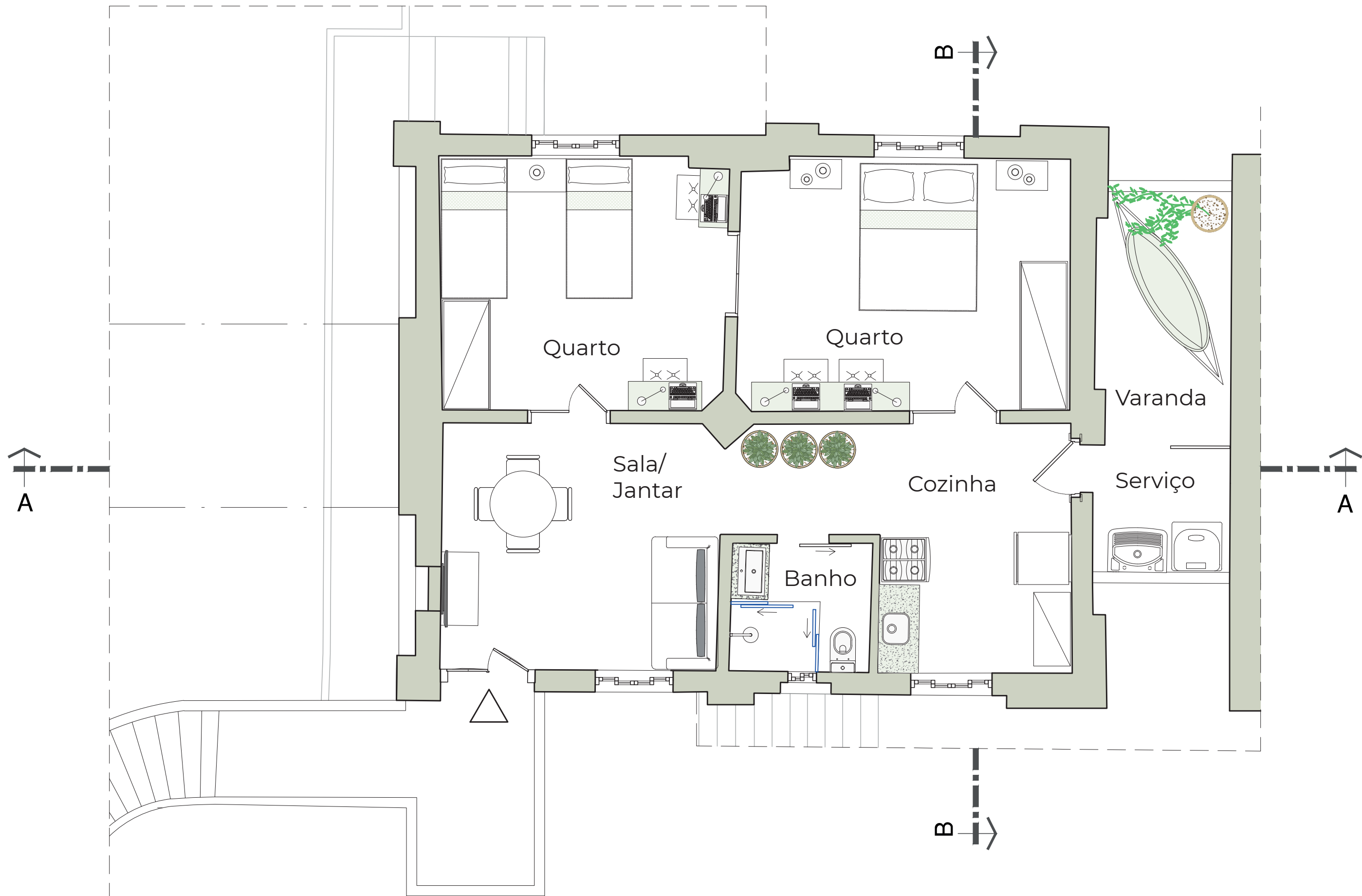
Pavimento B - Alvenaria  
Opção 2  
Fonte: Instituto Pedra

- Alvenaria existente
- Alvenaria a construir
- Alvenaria a demolir

O pavimento C como citado anteriormente é aquele que possuía dois vãos de janela fechados com alvenaria e portanto seus layouts foram pensados de forma a incorporarem a reabertura ou não dos mesmos. Aqui também se seguiu a ideia de uma das popostas reunir toda ou quase toda a área social da casa em um único bloco.

Gostaria de aproveitar a oportunidade de esclarecer que todos os revestimentos existentes nos pavimentos no momento de seu levantamento foram mantidos ao máximo e respeitando as limitações das informações as quais tive acesso. Por exemplo, os pavimentos B e C possuem piso em madeira mas infelizmente não estava disponível a informação de qual tipo ou tonalidade de madeira, reconhecendo-se que uma tonalidade pode variar após uma limpeza ou raspagem do material. Assim é o caso dos pavimentos A, B e D que possuem forro em madeirite e madeira. Os revestimentos cerâmicos encontrados no pavimento A e nos banheiros (exceto do pavimento C onde é revestimento cimentício) seguem o tamanho indicado no material de levantamento mas possuem o mesmo dilema quanto à cor ou desenho existente. O piso em ardósia no pavimento D, o qual não posso afirmar se é do tipo polido ou não, foi adotado como polido por ser melhor em um ambiente acessível. Nessas maquetes eletrônicas optei por revestimento cerâmico de meia parede nos banheiros quando este já se encontrava no piso. Por último, os ladrilhos hidráulicos encontrados na varanda/ área de serviço nos pavimentos B e C seguem o desenho encontrado nos arquivos de levantamento e coloração próxima à das casas visitáveis por já terem passado pelo processo de restauro.

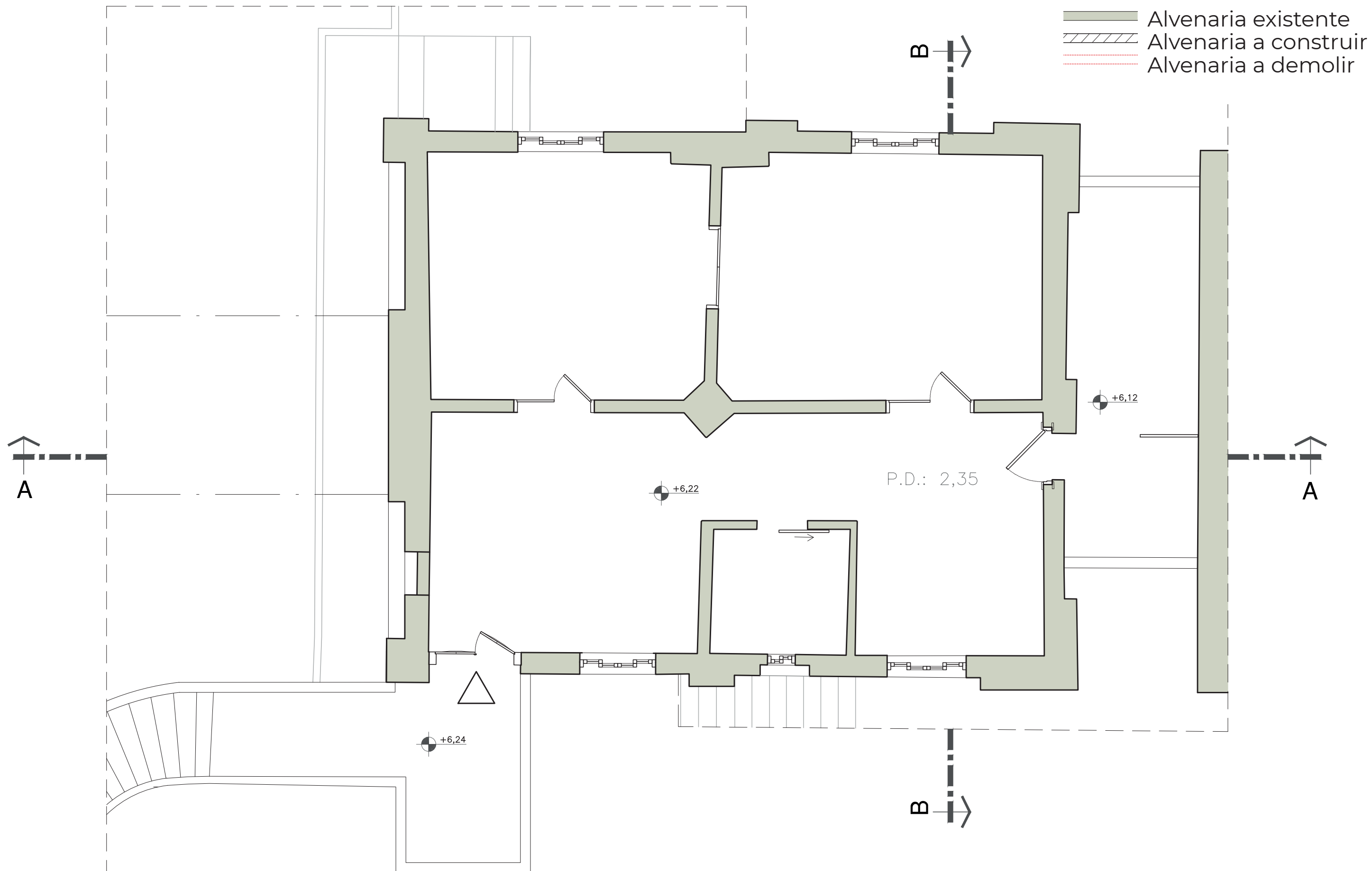




Pavimento C - Layout  
Opção 1

0 1 2 3





Pavimento C - Alvenaria  
Opção 1  
Fonte: Instituto Pedra



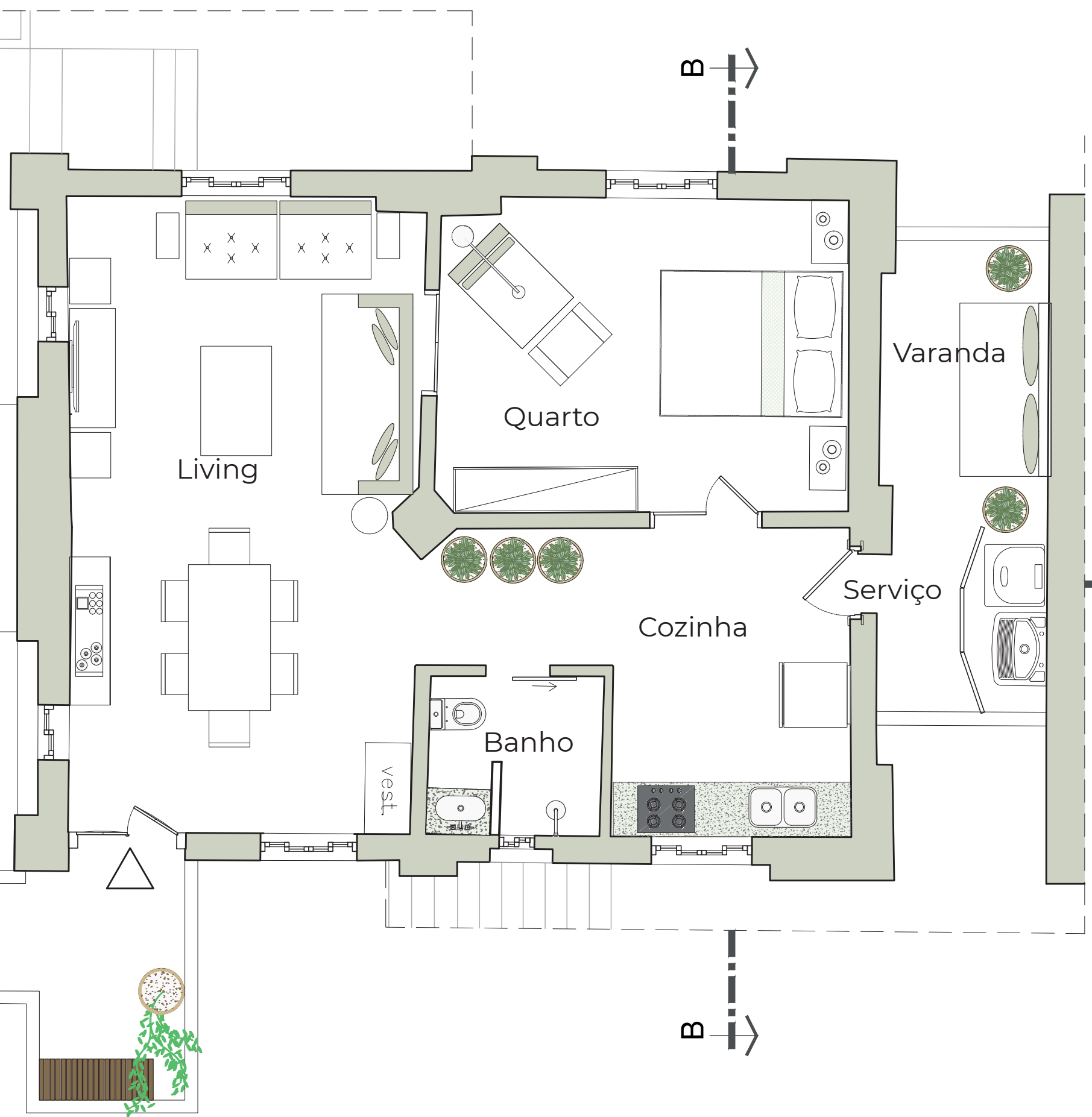
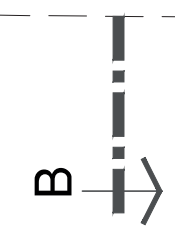
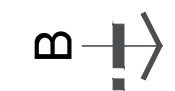
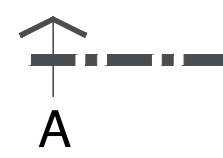




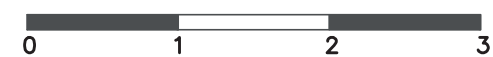


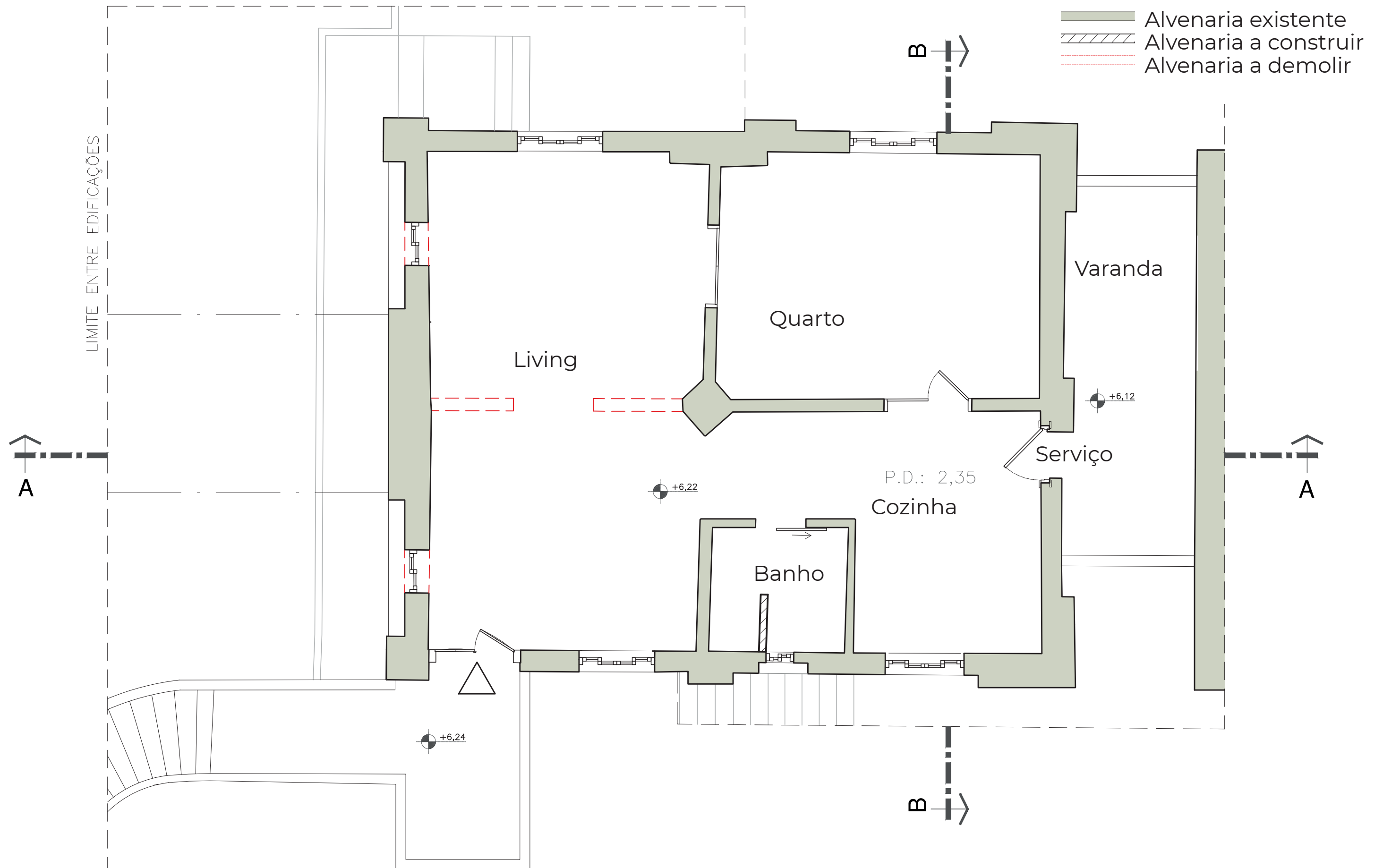


LIMITE ENTRE EDIFICAÇÕES



Pavimento C - Layout  
Opção 2





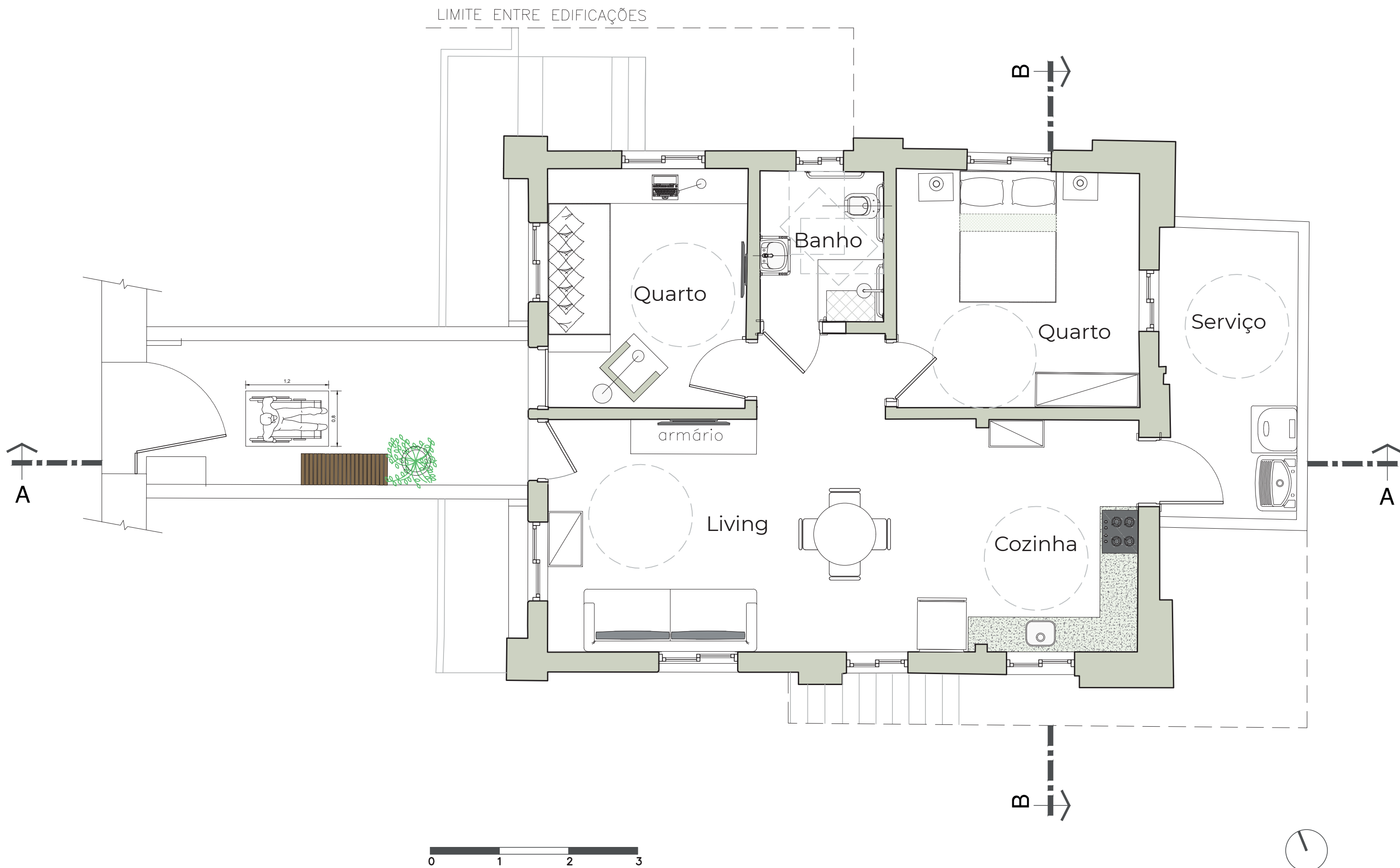


No pavimento D optou-se por demolir uma escada em mal estado de conservação que dava acesso à um quarto improvisado e insalubre presente no mezanino formado pelo forro em madeira apoiado em barrotes. Após essa mudança também optou-se por elevar em 50 cm a altura do forro para que os óculos presentes nesse pavimento pudessem ser vistos a partir do interior e contribuir com a iluminação natural do mesmo. Conjuntamente, houve a demolição de uma meia parede com revestimento cerâmico sem função definida e clara presente no quarto da face leste.

Por ser o único pavimento com acesso feito exclusivamente por rampas desde a rua elegeu-se como possível planta adaptada a pessoas com deficiência e necessidades especiais, mais especificamente para usuários de cadeira de rodas.

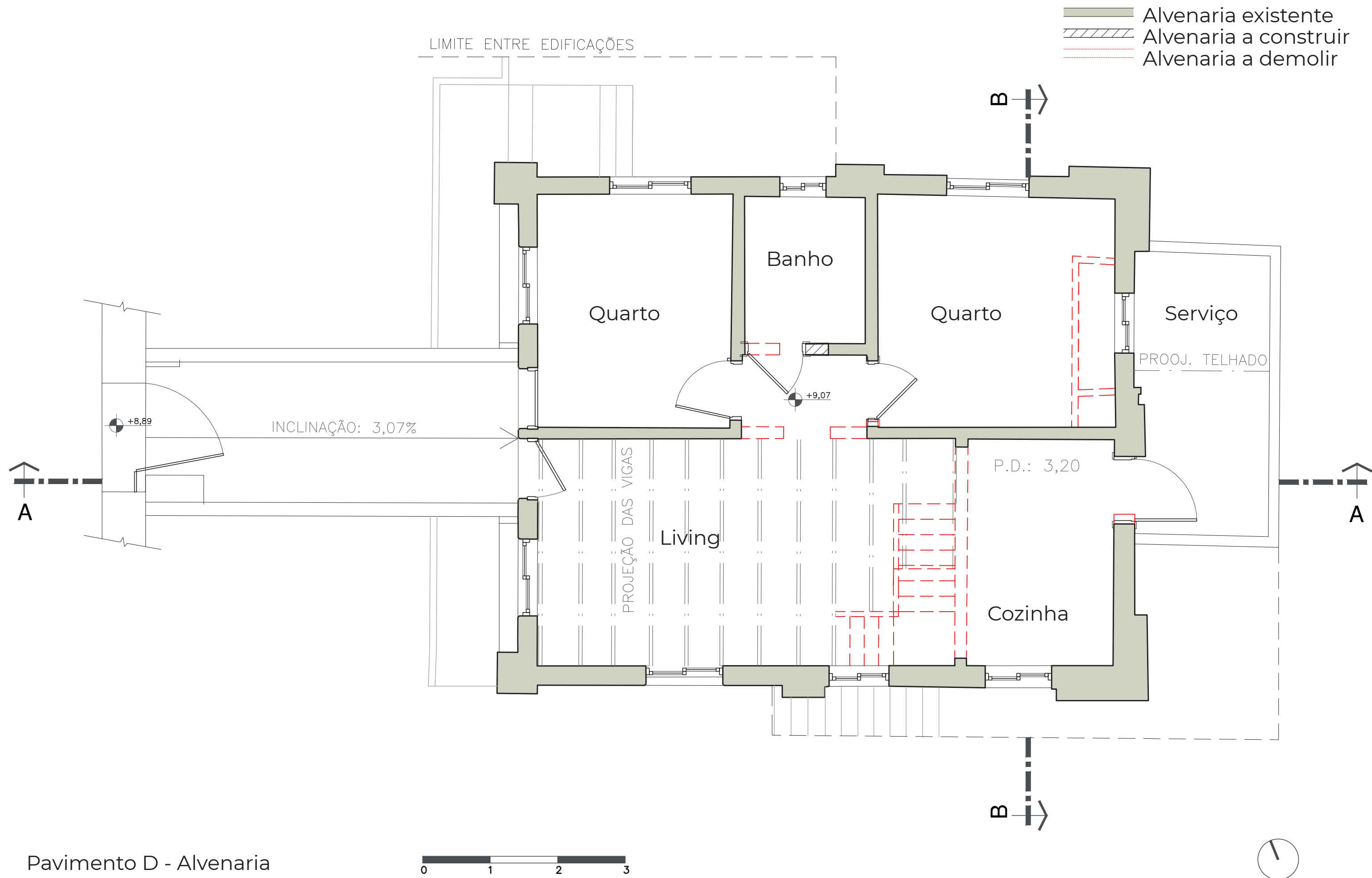
O primeiro quarto que possui entrada privativa em relação ao restante da casa foi pensado com um layout mais flexível, podendo ser um escritório (possibilitando a entrada de clientes sem comprometer a intimidade do restante da casa), um quarto de hóspedes para que o convidado possa usufruir de alguma liberdade nas chegadas e saídas ou até mesmo quarto para aluguel, sobretudo para viajantes, compartilhando apenas banheiro ou demais áreas sociais da casa como foi largamente difundido recentemente pelo site AirBnb ao propor aluguel de casas comuns para viajantes como uma alternativa mais barata e aconchegante a hotéis.

No caso do layout mais convencional em que o quarto das crianças se encontraria nesse ambiente, o trancamento da porta e possível localização de mobiliário na área de giro da mesma seria recomendado de forma a incrementar a segurança.



Pavimento D - Layout  
Opção 1





Pavimento D - Alvenaria  
Opção 1  
Fonte: Instituto Pedra





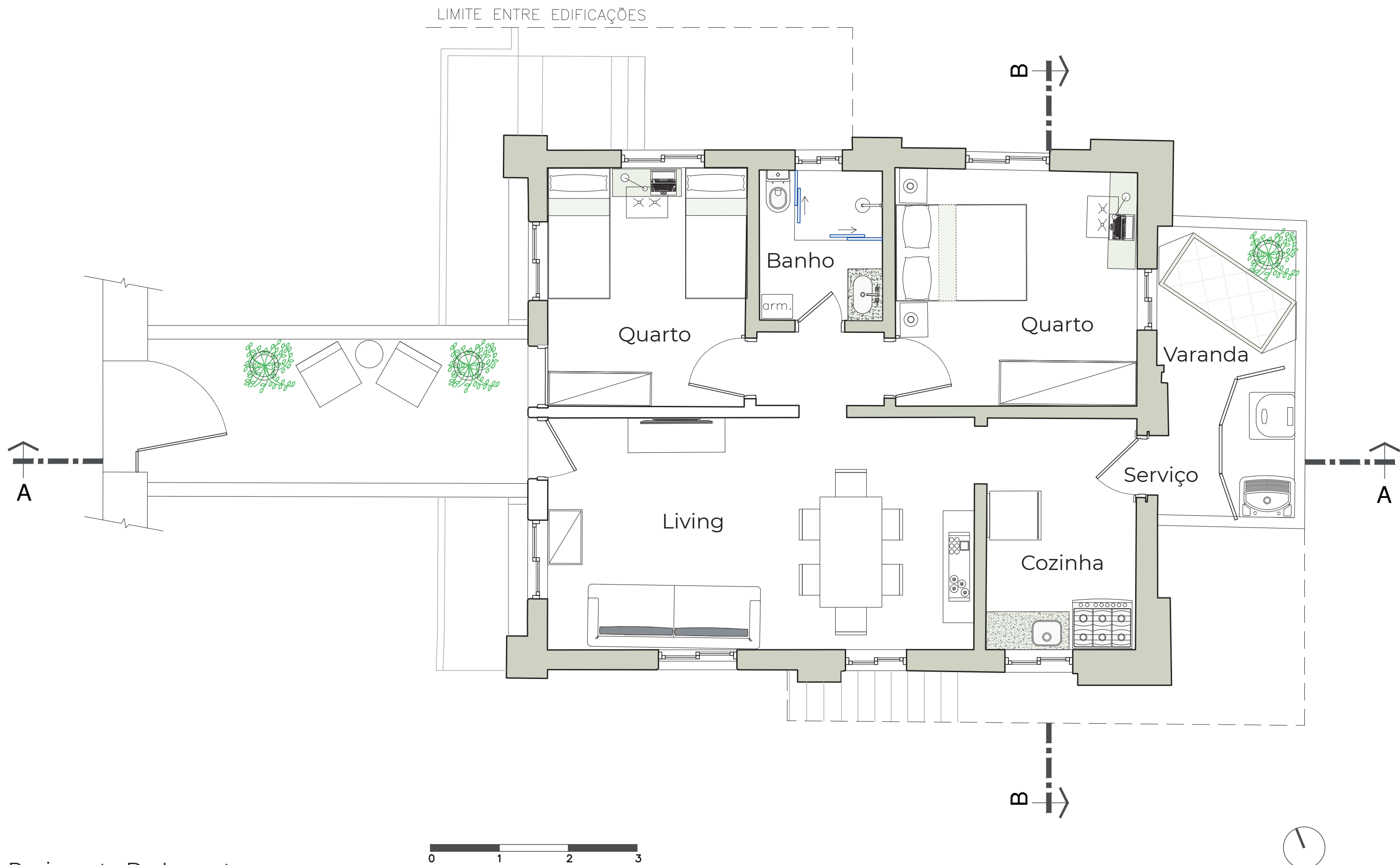




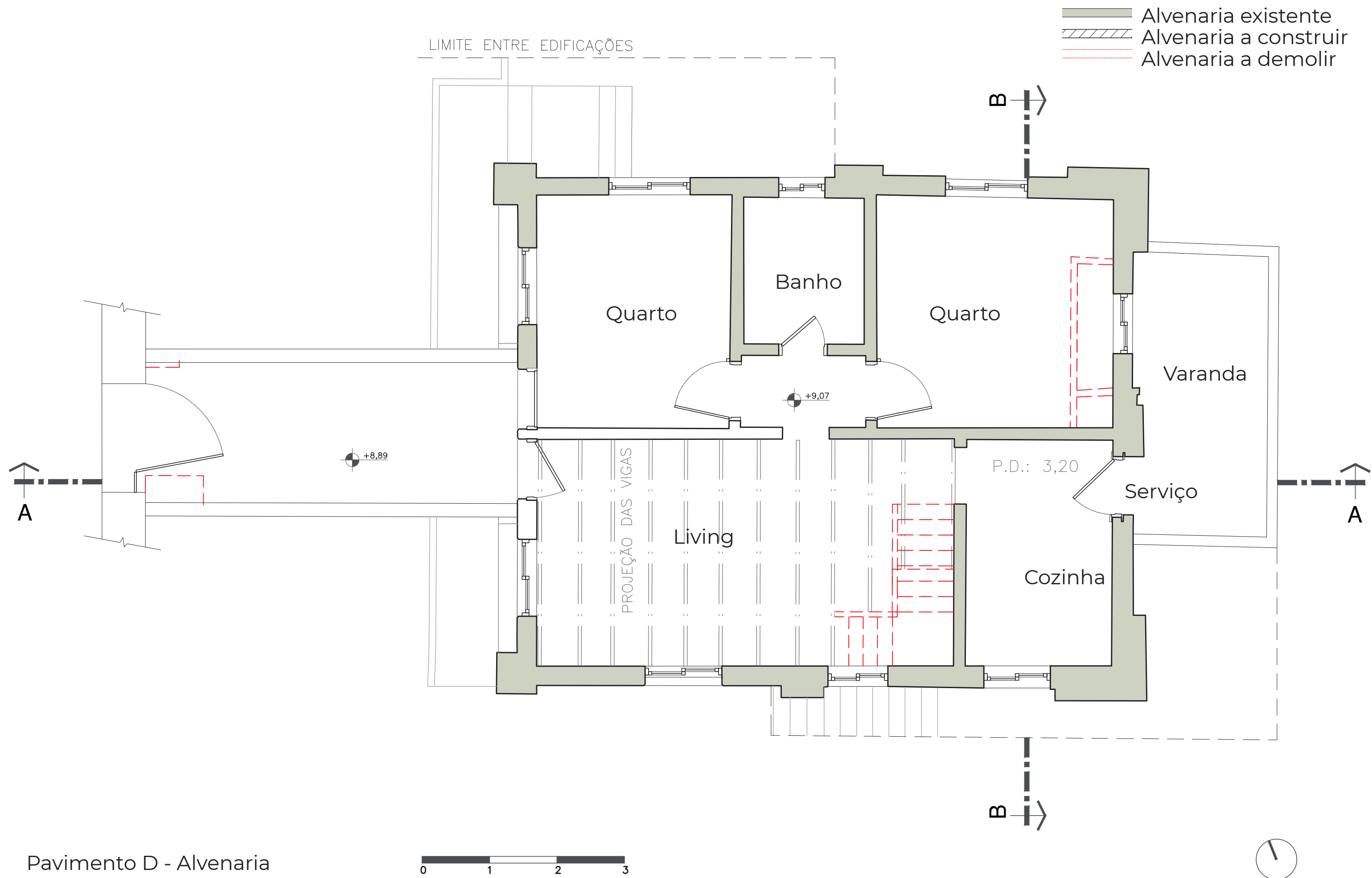






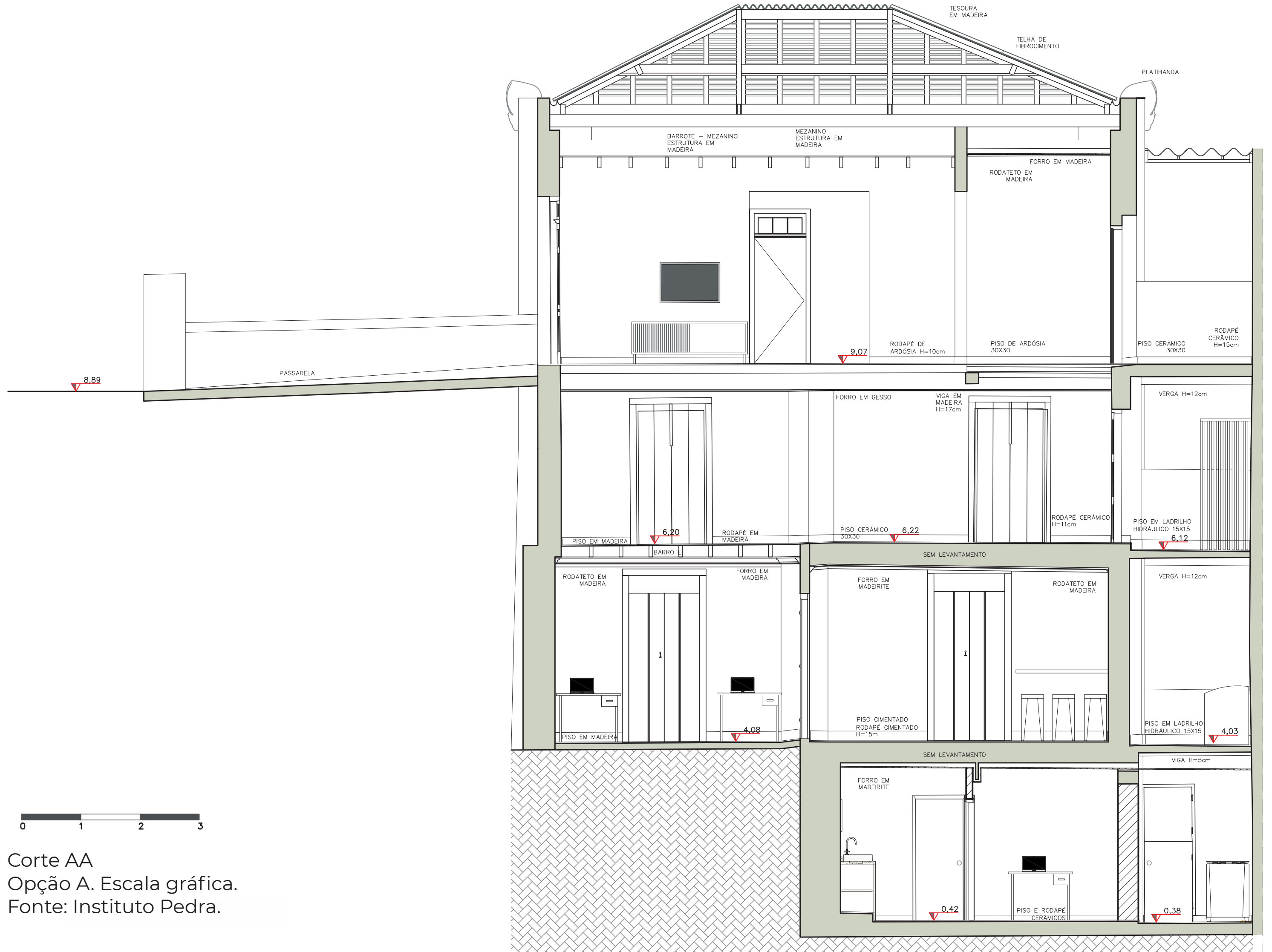


Pavimento D - Layout  
Opção 2

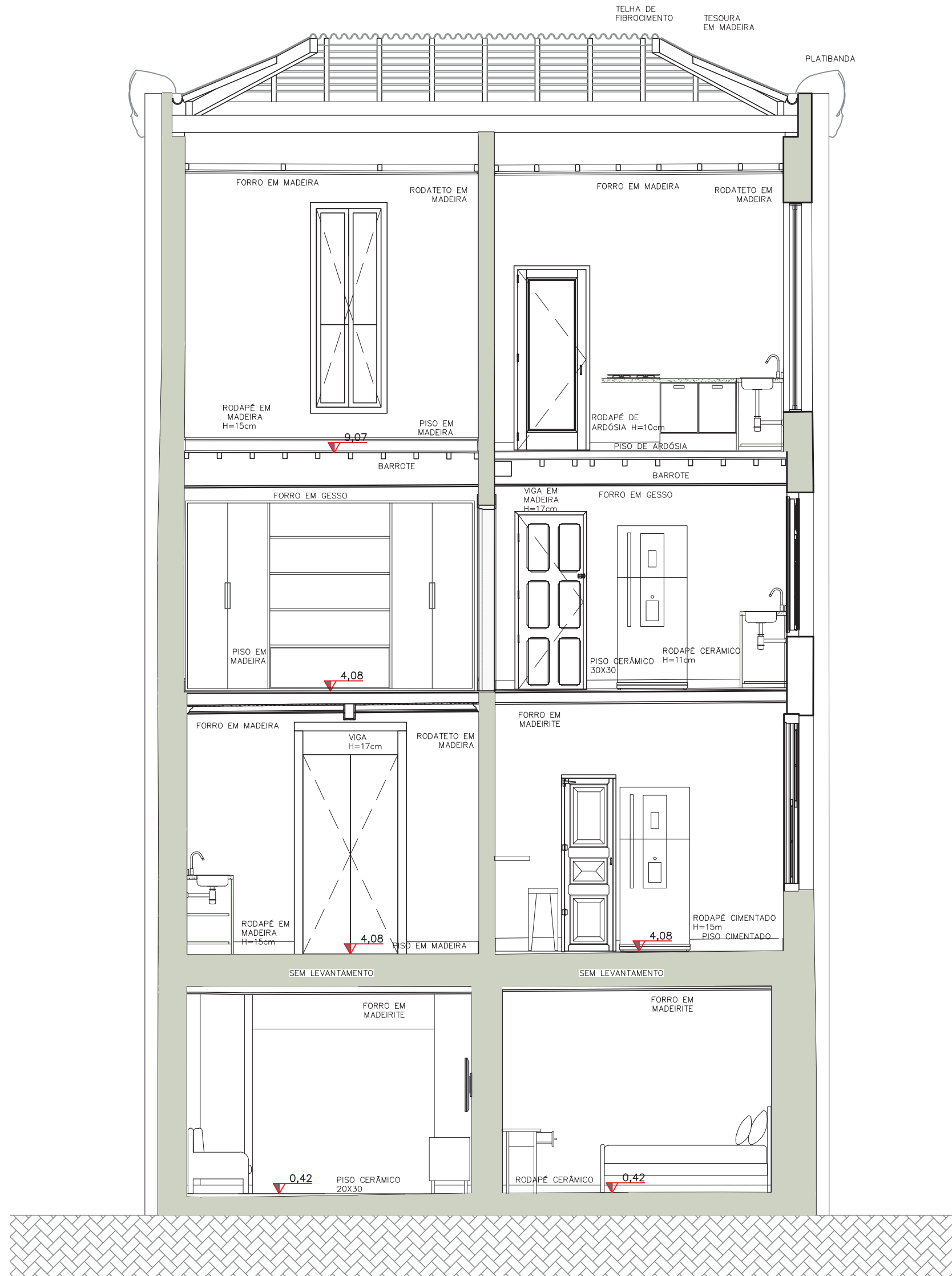


Pavimento D - Alvenaria  
Opção 2  
Fonte: Instituto Pedra



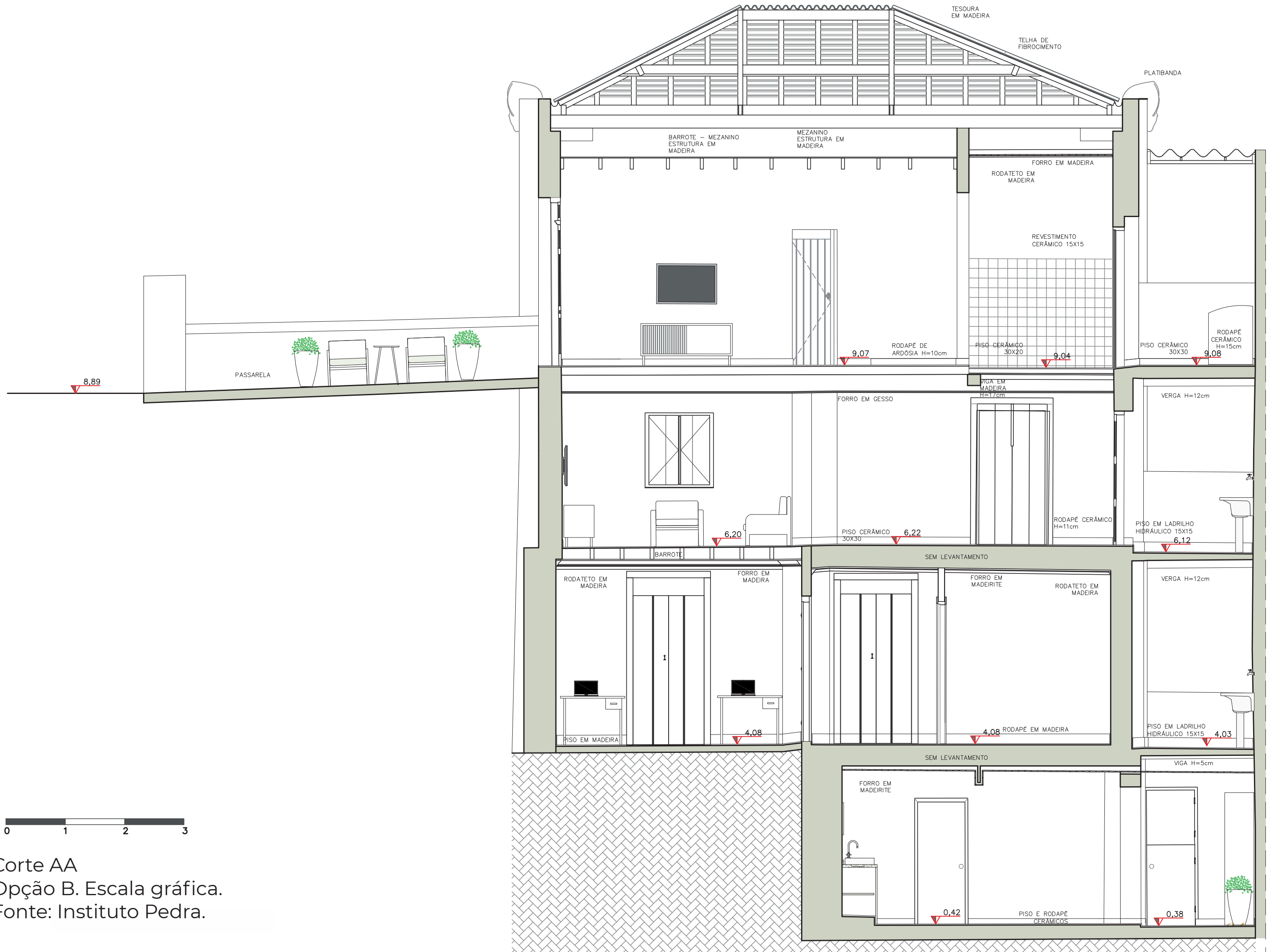


Corte AA  
Opção A. Escala gráfica.  
Fonte: Instituto Pedra.

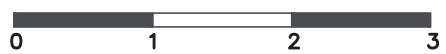


Corte BB  
Opção A. Escala gráfica.  
Fonte: Instituto Pedra.

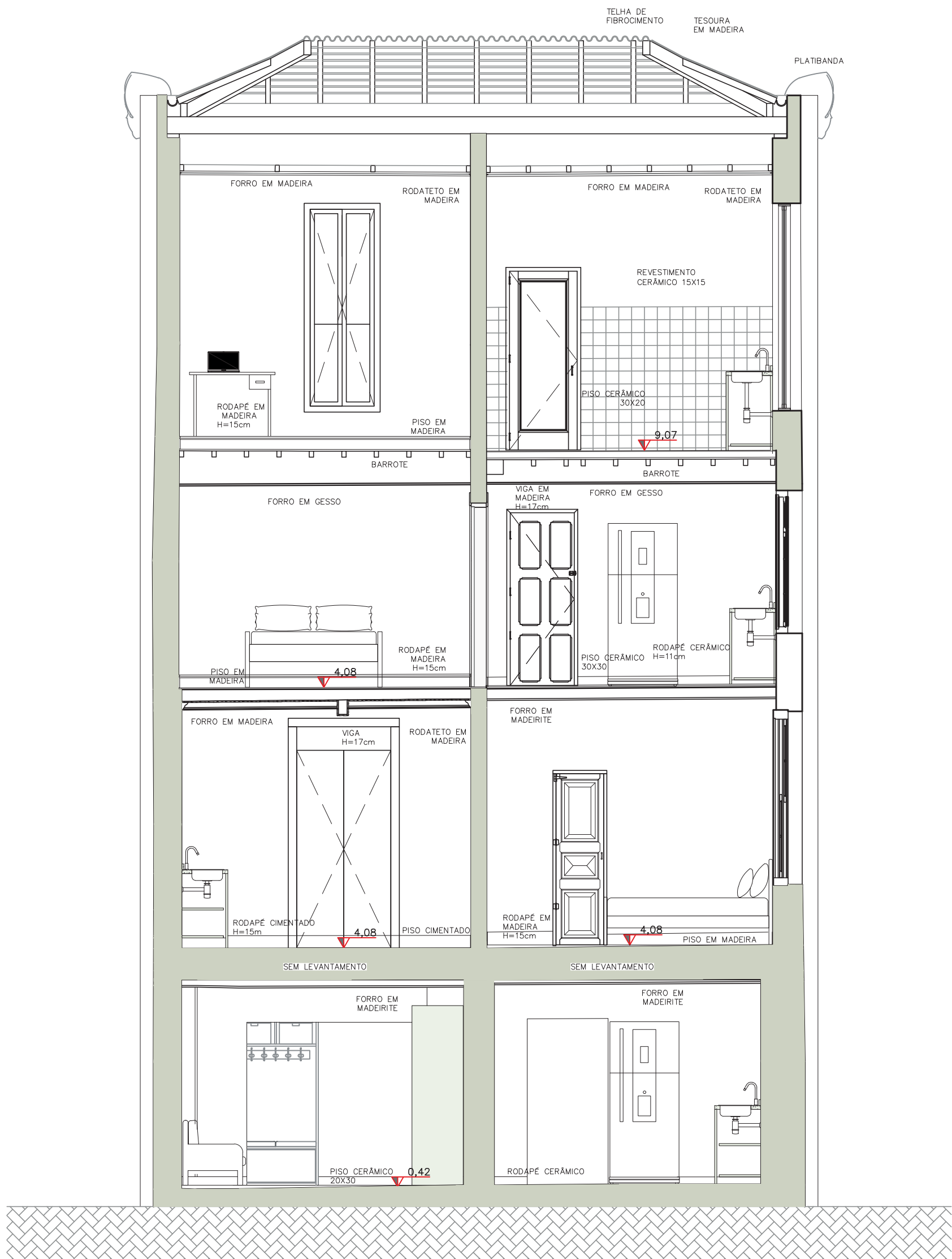




Corte AA  
Opção B. Escala gráfica.  
Fonte: Instituto Pedra.



Corte BB  
Opção B. Escala gráfica.  
Fonte: Instituto Pedra.





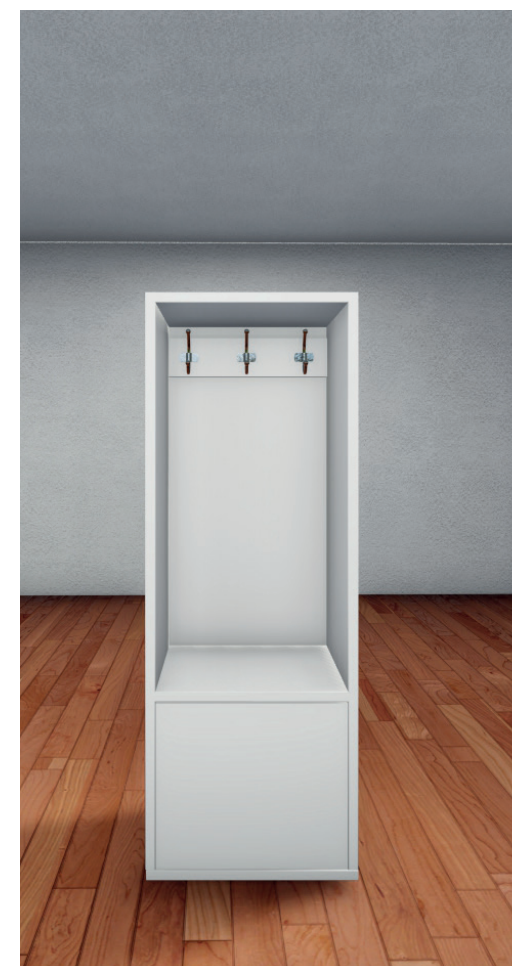
## A escala do mobiliário

Pensando nas necessidades atuais e ao estudar as diversas possibilidades de layout senti a necessidade de usar dois móveis os quais não encontrei com as funções exatamente como precisava para meu estudo e por isso decidi pensá-los e aqui apresentar um estudo de cada um deles.

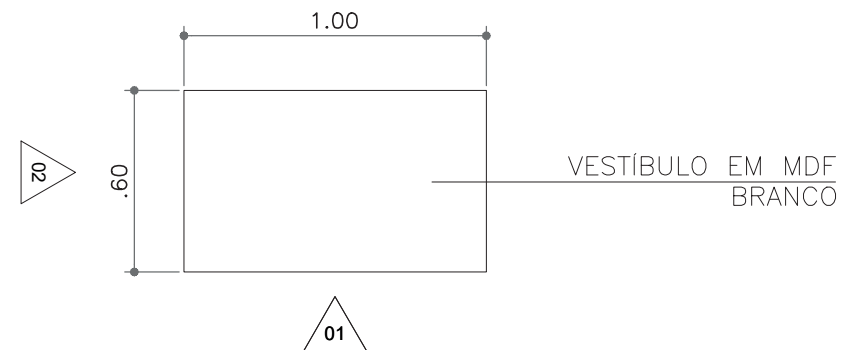
O primeiro, visível nas imagens da maquete eletrônica do pavimento A e B, também utilizado nos demais pavimentos seria uma espécie de vestíbulo com localização próximo à entrada da casa com o intuito de atender a necessidade atual de ao se chegar da “rua” tirar os sapatos, higienizar as mãos e pertences para evitar contaminação pelo novo vírus da Covid-19 e suas cepas. Em vista disso, este conta com uma sapateira basculante a qual poupa a necessidade de usar as mãos para abrí-la, assento para retirada dos sapatos de forma mais confortável, prateleira rebatível para localização fácil de Álcool 70% em suas diversas formas, lenços umedecidos etc, e caso o morador não veja a necessidade de deixar isso tão visível, poderia dobrar a pequena prateleira para deixar o visual do móvel mais “clean”. Conjuntamente possui ganchos para bolsas e casacos além de dois nichos superiores que poderiam ser usados de diversas formas inclusive para guardar objetos que precisam ser higienizados mas não é possível que isso ocorra no momento da chegada imediata. Nos desenhos de layout este aparece com a abreviação

vest., de vestíbulo.

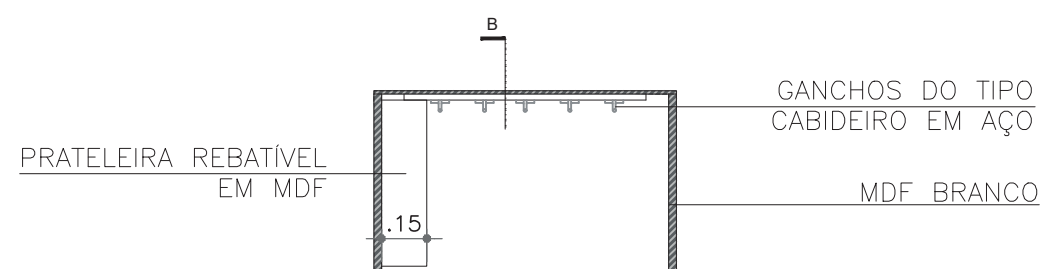
Também foi estudada uma adaptação do mesmo para usuários de cadeira de rodas, em que sua altura máxima seria de 1,40m (indicado pela NBR9050 como altura máxima alcançada por pessoas com essa restrição). Nos desenhos aparece com uma largura menor mas apenas por se tratar da largura adequada ao espaço disponível no pavimento D que poderia ser adotado para abrigo do mesmo mas no final optou se por um armário mais baixo próximo a janela nos layouts apresentados.



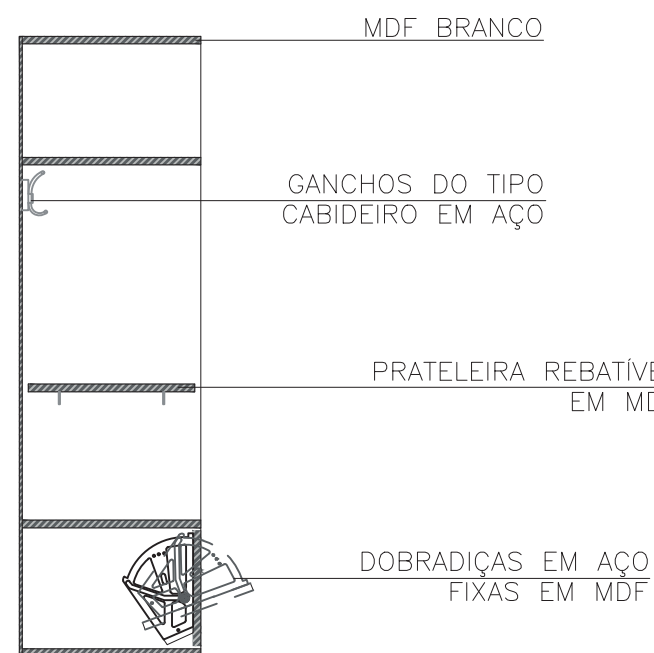




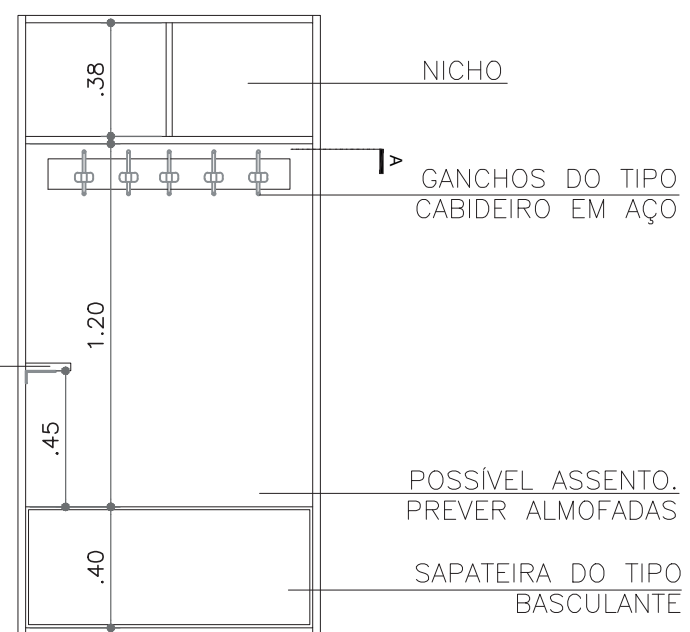
**VESTÍBULO – VISTA SUPERIOR**  
 ESCALA 1:25



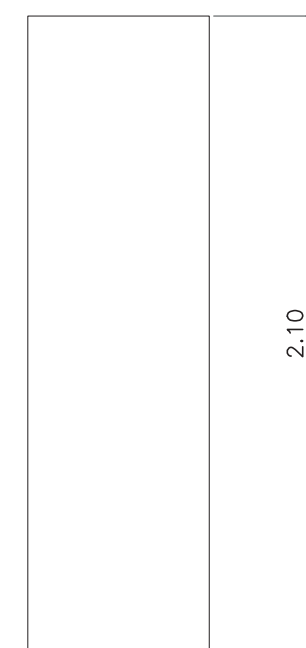
**VESTÍBULO – CORTE AA**  
 ESCALA 1:25



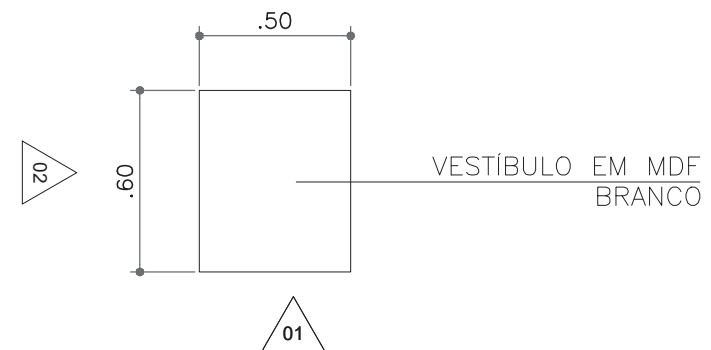
**VESTÍBULO – CORTE BB**  
 ESCALA 1:25



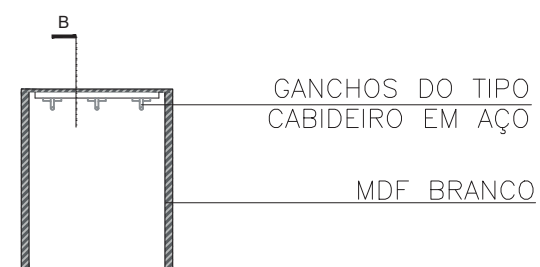
**VESTÍBULO – VISTA 01**  
 ESCALA 1:25



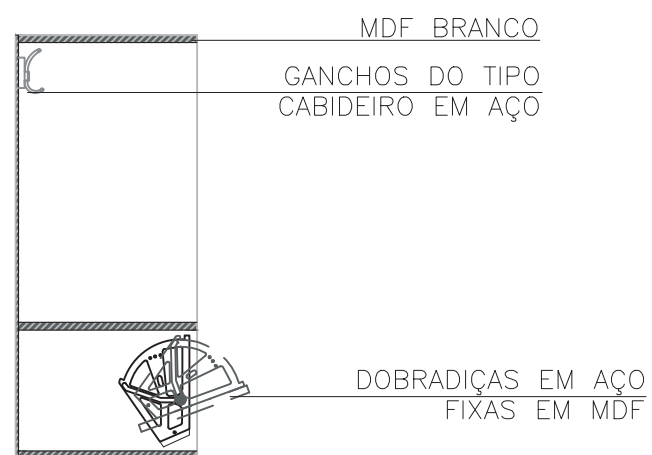
**VESTÍBULO – VISTA 02**  
 ESCALA 1:25



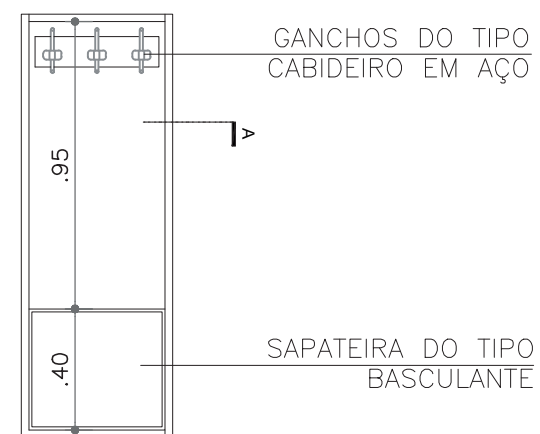
**VESTÍBULO PCD – VISTA SUPERIOR**  
 ESCALA 1:25



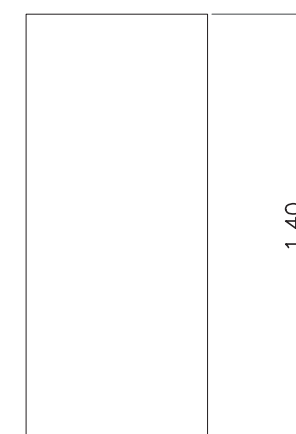
**VESTÍBULO PCD – CORTE AA**  
 ESCALA 1:25



**VESTÍBULO PCD – CORTE BB**  
 ESCALA 1:25



**VESTÍBULO PCD – VISTA 01**  
 ESCALA 1:25



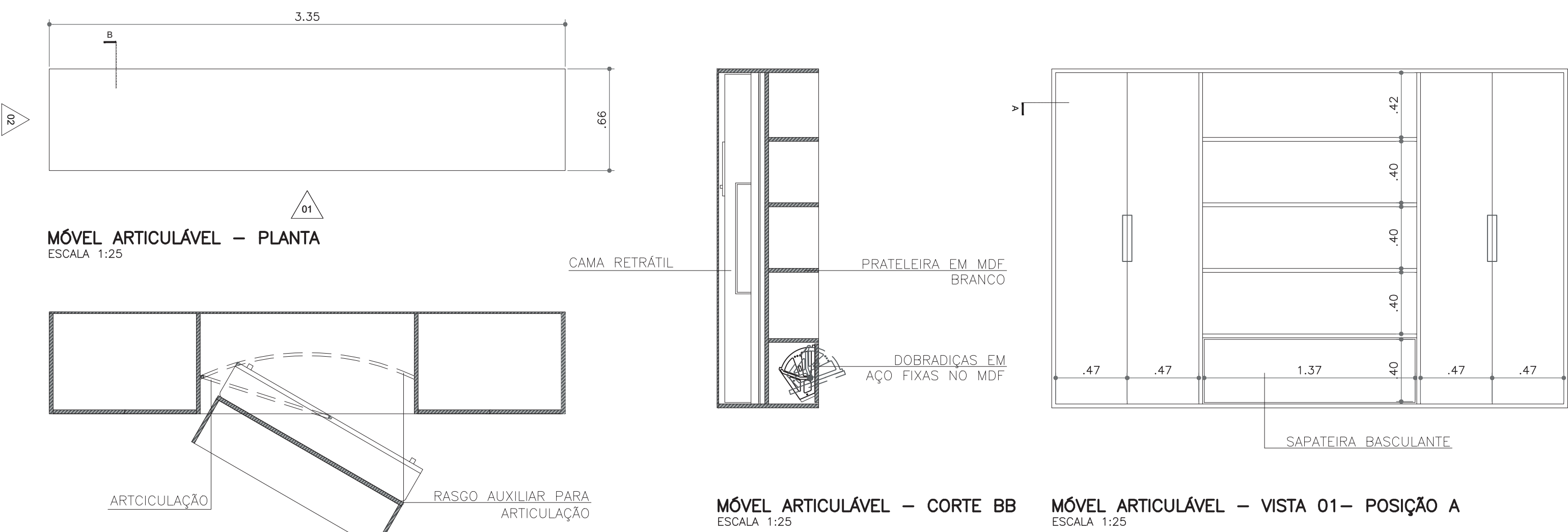
**VESTÍBULO PCD – VISTA 02**  
 ESCALA 1:25



O outro móvel já comentado anteriormente seria uma espécie de armário que conteria uma cama dobrável. A parte onde fica a cama possuiria prateleiras na outra face para que durante o não uso da cama, essa ficasse “disfaçada” e ainda permitisse outra função para a mesma parte do móvel. O uso de prateleiras se torna possível pelo sistema que contaria com giro em 180° dessa parte do móvel permitindo que uma face possa ficar na vertical, enquanto a cama estivesse em sua posição horizontal. As demais partes do armário foram estudadas

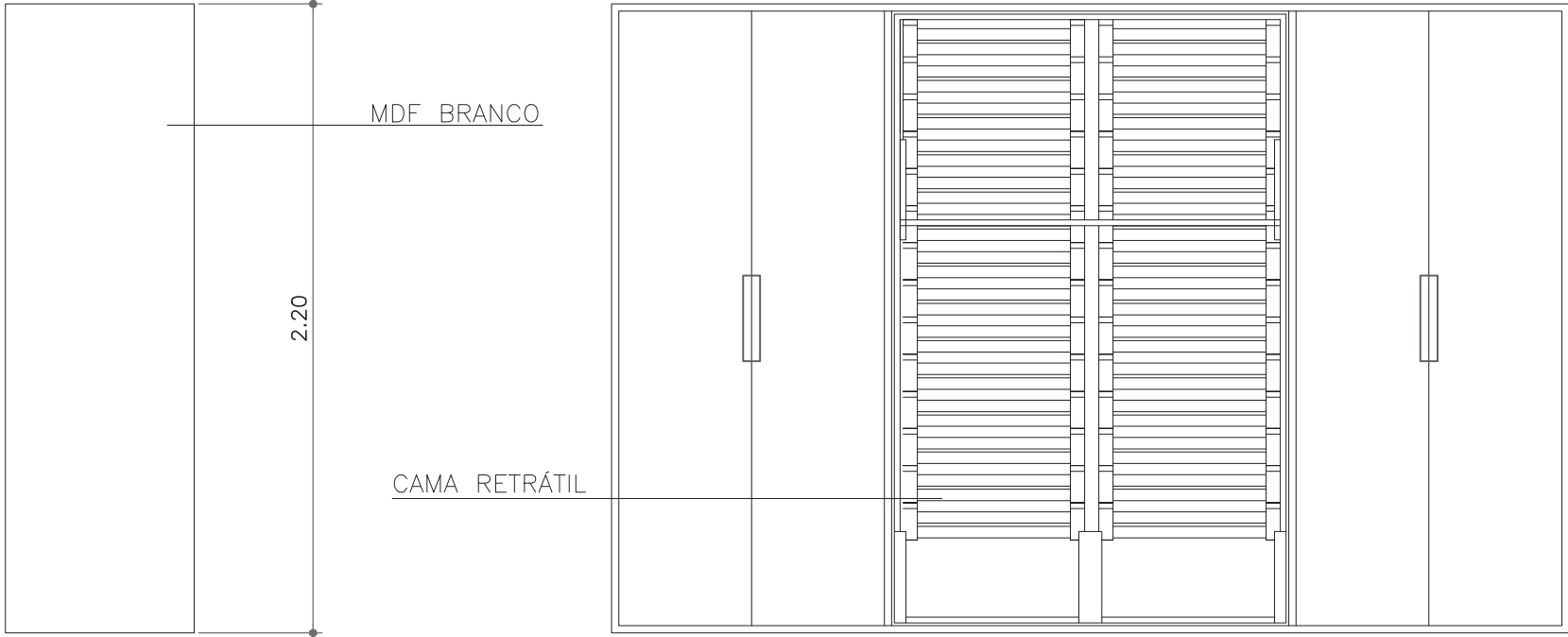






MÓVEL ARTICULÁVEL – CORTE AA

ESCALA 1:25

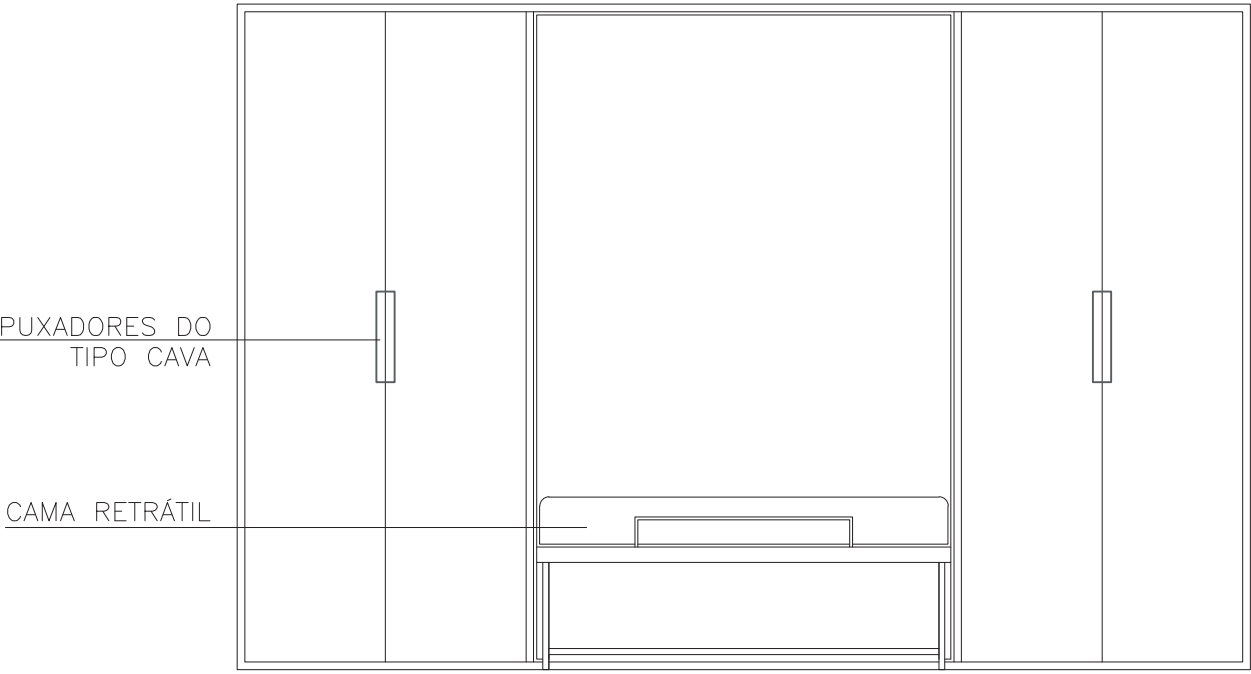


MÓVEL ARTICULÁVEL – VISTA 02

ESCALA 1:25

MÓVEL ARTICULÁVEL – VISTA 01 – POSIÇÃO B

ESCALA 1:25



MÓVEL ARTICULÁVEL – VISTA 01 – POSIÇÃO C

ESCALA 1:25



com portas discretas e um guarda-roupas no interior que conta com um bom número de gavetas e cabideiro para camisas e vestimentas longas.

# Conclusão

Essa retirada dos moradores toca em outro ponto sensível e altamente discutido no campo do restauro, a sacralização dos edifícios tombados. É muito comum no Brasil propor um uso “mais nobre” para o edifício após seu tombamento, sendo geralmente esse uso o cultural. Vemos isso acontecer não só no caso de edifícios anteriormente usados para moradia, mas também em escolas como foi o caso do Caetano de Campos<sup>16</sup> localizado na Praça da República no centro de São Paulo. Seu tombamento, diferenciando-se por ter começado a partir de iniciativa popular durante a Ditadura Militar, teve como principais motivações esse ter sido a escola de muitos dos moradores daquela região e seu rico acervo documental. A comunidade sentia sua perda para construção da estação de metrô, previsto em escala grandiosa como a estação Sé e por isso se uniram para que a demolição do edifício, vinculado a tantas lembranças, não fosse autorizada e exigindo uma mudança de projeto por parte da Companhia Metropolitana para construção da estação. Tal iniciativa foi bem



sucedida, no tocante à conservação do edifício mas não ao seu uso, pois após o tombamento efetivado em nível estadual e municipal nos anos de 1976 e 1991 respectivamente, e sua demolição retirada dos planos da Companhia Metropolitana de São Paulo, o edifício deixou de ser uma escola e hoje abriga a Secretaria de Estado da Educação.

Tal sacralização dos edifícios contribui para o preconceito com tombamentos por boa parte da população leiga, a qual vê essa ação como algo a desvalorizar e congelar seu imóvel, algo imposto, sem que elas possam ter voz e realmente opinar e debater sobre o valor histórico que possui sua propriedade. E quando uma educação patrimonial ocorre, muitas vezes é apenas mais um ato de impor por parte de técnicos seu conhecimento e “olhar altamente treinado e superior” ao da população comum, onde é dado um folheto para aqueles que não vêem o que eles podem ver, sem a busca por um debate participativo.

Essa cultura do tornar sagrado continua desencadeando outros problemas como o abandono por parte da população. Claro que esta não é uma sequência rígida de causa e consequência sobre o patrimônio edificado no Brasil, mas é uma das possibilidades e interpretações possíveis. Uma descaracterização do edifício devido à uma reprimatização ou restrição na forma pela qual a população usufruía do espaço precede a falta de identificação da população com o patrimônio, fazendo esta já não ser mais tão participativa em sua preservação e usufruto, resultando num abandono por parte da mesma e somado ao comum descaso por parte da administração pública, falta de destinação de verba etc, leva a uma decadência do lugar, edifício ou sítio.

A precarização da Vila Itororó pode ter vindo, não de seu uso habitacional, afinal propósito pelo qual foi construída e função social desempenhada ao longo de décadas, mas sim da falta de manutenção de suas construções por parte de seu último proprietário antes do tombamento, Instituição Beneficente Augusto de Oliveira Camargo, a partir dos anos 1970, que usou tal ação conjuntamente com o não recebimento dos aluguéis por parte dos moradores como estratégia para sua possível venda, abordados tanto pela Sarah Feldman e

Anna Castro em seu livro como por Vivian Barbour em sua pesquisa e tese de mestrado. Porém, esse aspecto não foi levado em consideração durante os debates sobre o destino da vila e toda a culpa de sua precarização foi associada ao uso habitacional. Uma das possíveis causas de associação entre habitação e degradação de um edifício é o fato dessa habitação ter sido realizada pelos menos favorecidos financeira e socialmente. É comum, mas não justificável, o preconceito com a habitação popular entre as classes mais altas, sempre a associação com algo feio e realizado com pouco esmero. Não surpreendendo então o afastamento desse habitar para as periferias da cidade, onde não vira cartão postal da cidade ou o “turista não vê”. Essa, infelizmente, é apenas mais uma forma de esconder ou fugir da crise habitacional que nos assola ao invés de lidar com ela e com esse preconceito, pois a moradia popular é, na maior parte das vezes, feita com muito asseio e cuidado por seus responsáveis e quando falta “beleza” o principal motivo é a falta dos recursos necessários. Uma evidência desse preconceito é a previsão dos ateliês poderem ser usados temporariamente como moradia por artistas estrangeiros, dando a entender que o artístico e estrangeiro é para ser exibido e motivo de orgulho mas a habitação social não. Último apontamento sobre as consequências de uma sacralização, é a resultante restrição de visão nas possibilidades de usos concomitantes os quais o lugar pode vir a abrigar. A Vila Itororó como até aqui foi exposto sempre foi usada como moradia, mas predominantemente, pois há em seu conjunto uma casa utilizada desde a época de Francisco de Castro para fins culturais, abrigando clube com piscina e sendo local de festas e bailes. Houve épocas nas quais o uso foi abandonado para ceder espaço à uma tinturaria por exemplo, mas tendo sua entrada individual poderia voltar a ter uso cultural e assim, unir as duas funções sociais em um lugar. Outro espaço apto a abrigar o uso cultural, e já o faz, é o galpão Vila Itororó Canteiro Aberto criado pelo Instituto Pedra. Muitas são as possibilidades e contradições ao lidar com um lugar tão cheio de memórias e ao mesmo tempo tão disputado, por isso, todas as ideias aqui apresentadas são meras su-



gestões desenvolvidas e fundamentadas ao longo de dois semestres, objetivando apenas ilustrar outra destinação à Vila Itororó durante e após seu processo de restauro.

# Notas

<sup>1</sup> TOLEDO, Benedito Lima de, Vila Itororó. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2016, p. 59-77.

<sup>2</sup> BARBOUR, Vivian Moreno, O Patrimônio existe?: Os sentidos da Vila Itororó. Dissertação (Mestrado) - FAU USP, [S.l.], 2017, p. 70-71.

<sup>3</sup> FELDMAN, Sarah, CASTRO, Ana, Vila Itororó: uma história em três atos. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2017.

<sup>4</sup> VILA Itororó : projeto de recuperação urbana: arquitetos: Benedito Lima de Toledo, Cláudio Tozzi e Décio Tozzi; destinação cultural: Aracy Amaral; paisagismo: Roberto Burle Marx.. São Paulo: Cogep, 1975.

<sup>5</sup> Augusto de Oliveira Camargo tornou-se proprietário majoritário da Vila na década de 1930, com seu falecimento seus bens passaram integralmente à sua esposa Leonor de Barros Camargo. Com a morte desta, a Vila Itororó passou a incorporar o patrimônio da Instituição Beneficente Augusto de Oliveira Camargo. BARBOUR, Vivian Moreno, O Patrimônio existe?: Os sentidos da Vila Itororó. Dissertação (Mestrado) - FAU USP, [S.l.], 2017, p. 27.

<sup>6</sup> BARBOUR, Vivian Moreno, O Patrimônio existe?: Os sentidos da Vila Itororó. Dissertação (Mestrado) - FAU USP, [S.l.], 2017, p. 228.

<sup>7</sup> BARBOUR, Vivian Moreno, O Patrimônio existe?: Os sentidos da Vila Itororó. Dissertação



(Mestrado) - FAU USP, [S.l.], 2017, p. 98-99.

<sup>8</sup> FELDMAN, Sarah, CASTRO, Ana, Vila Itororó: uma história em três atos. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2017, p. 98-107.

<sup>9</sup> BARBOUR, Vivian Moreno, O Patrimônio existe?: Os sentidos da Vila Itororó. Dissertação (Mestrado) - FAU USP, [S.l.], 2017, p. 228-229.

<sup>10</sup> O texto citado, Vila Itororó de Benedito Lima de Toledo é fruto de uma pesquisa realizada em 1975, o texto foi revisado para publicação porém não convinha refazer toda a pesquisa.

<sup>11</sup> TOLEDO, Benedito Lima de, Vila Itororó. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2016, p. 22.

<sup>12</sup> FELDMAN, Sarah, CASTRO, Ana, Vila Itororó: uma história em três atos. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2017, p. 16.

<sup>13</sup> FELDMAN, Sarah, CASTRO, Ana, Vila Itororó: uma história em três atos. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2017, p. 91.

<sup>14</sup> FELDMAN, Sarah, CASTRO, Ana, Vila Itororó: uma história em três atos. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2017, p. 92.

<sup>15</sup> Documentos internacionais estes adotados por organismos como o Icomos, que tem papel acessor e consultor para a Unesco nas questões patrimoniais.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Fabiana Valeck de. Patrimônio escolar: para além da arquitetura, a materialidade do patrimônio histórico nas escolas paulistas. Orientador: Profa. Dra. Maria Lúcia Bressan Pinheiro. 2015. Tese (Doutorado) - FAU USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-22092015-110702/publico/fabianavaleck.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

# Bibliografia

- ABNT, ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (Brasil). ABNT NBR 9050:2020. Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, Rio de Janeiro - RJ, 3 ago. 2020.
- BARBOUR, Vivian Moreno, O Patrimônio existe?: Os sentidos da Vila Itororó. Dissertação (Mestrado) - FAU USP, [S.l.], 2017.
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. Projeto de Lei nº 619, de 2 de julho de 2020. Aprova o Plano Municipal de Habitação, conforme previsto no artigo 293 do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, de acordo com o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social - SNHIS. [S. l.], 21 dez. 2016. Disponível em: [https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2014/08/20161221\\_PMH\\_PL\\_bxa.pdf](https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2014/08/20161221_PMH_PL_bxa.pdf). Acesso em: 30 jun. 2020.
- CONSELHO DA EUROPA, Declaração de Amsterdã, 1975, disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf>
- FELDMAN, Sarah, CASTRO, Ana, Vila Itororó: uma história em três atos. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2017.
- ICOMOS, Carta de Veneza, 1964. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf>
- OLIVEIRA, Fabiana Valeck de. Patrimônio escolar: para além da arquitetura, a materialidade



do patrimônio histórico nas escolas paulistas. Orientador: Profa. Dra. Maria Lúcia Bressan Pinheiro. 2015. Tese (Doutorado) - FAU USP, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-22092015-110702/publico/fabianavaleck.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. GeoSampa: Sistema de consulta do mapa digital da Cidade de São Paulo. In: Mapa Digital da Cidade de São Paulo. [S. l.], [201-]. Disponível em: [http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/\\_SBC.aspx#](http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx#). Acesso em: 28 jun. 2020.

TOLEDO, Benedito Lima de, Vila Itororó. São Paulo: Vila Itororó Canteiro Aberto, 2016.

VILA Itororó : projeto de recuperação urbana: arquitetos: Benedito Lima de Toledo, Cláudio Tozzi e Décio Tozzi; destinação cultural: Aracy Amaral; paisagismo: Roberto Burle Marx.. São Paulo: Cogep, 1975.



